

Ítalo de Paula Casemiro

Grupos do Facebook Aplicados ao Processo de Ensino-Aprendizagem no Ensino Superior – Uma Revisão de Escopo

Niterói

2023

ÍTALO DE PAULA CASEMIRO

GRUPOS DO FACEBOOK APLICADOS AO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
NO ENSINO SUPERIOR – UMA REVISÃO DE ESCOPO

Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Educação e Novas Tecnologias.

Orientadora: Dra Milla Benicio Ribeiro de Almeida

Niterói-RJ

2023

C337g Casemiro, Ítalo de Paula.

Grupos do Facebook aplicados ao processo de ensino-aprendizagem no ensino superior : uma revisão de escopo / Ítalo de Paula Casemiro. – Niterói, RJ, 2023.

48 p. : il.

Orientação: Milla Benicio Ribeiro de Almeida Câmara.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação e Novas Tecnologias) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, 2023.

1. Compartilhamento. 2. Educação. 3. Engajamento. 4. Interação. 5. Mídias sociais. I. Câmara, Milla Benicio Ribeiro de Almeida. II. Título.

IFRJ/CNIt/Biblioteca

Ficha catalográfica elaborada por
Débora Elena Speranza do Nascimento – CRB7 6928

ÍTALO DE PAULA CASEMIRO

GRUPOS DO FACEBOOK APLICADOS AO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
NO ENSINO SUPERIOR – UMA REVISÃO DE ESCOPO

Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Educação e Novas Tecnologias.

Aprovado em 16/06/2023.

Banca examinadora

Profa. Dra. Milla Benicio Ribeiro de Almeida
Instituto Federal do Rio de Janeiro
Orientadora

Helvio Jeronimo Junior
Instituto Federal do Rio de Janeiro

Frederico Sidney Guimarães
Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE
JANEIRO – CAMPUS NITERÓI

ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS

Grupos do Facebook aplicados ao Processo de Ensino- Aprendizagem no Ensino Superior – Uma Revisão de Escopo

Ítalo de Paula Casemiro

O presente trabalho tem como proposta analisar os usos de grupos do Facebook para fins educacionais no ensino superior, a partir das evidências científicas apresentadas em estudos utilizando esta mídia social. Especificamente, objetiva-se mapear: as oportunidades que esse recurso oferece para aprendizagem entre grupos de estudantes; em que medida tais grupos têm auxiliado o processo de aprendizagem; e as diferentes estratégias associadas ao seu uso para fins educacionais. Para tanto, foi desenvolvida uma revisão da literatura, do tipo escopo, por meio de estudos obtidos nas bases *Scopus* e *Web of Science*, publicados entre os anos de 2018 e 2022. As informações da amostra de estudos selecionados foram extraídas e sistematizadas com o auxílio do *software StArt*. Ao todo foram incluídos na análise 46 estudos. De modo geral, eles apresentam resultados positivos sobre o uso dos grupos do Facebook no auxílio do processo de ensino-aprendizagem no ensino superior, especialmente no que se refere ao melhor desempenho no processo de aprendizagem, interação entre pares, engajamento e motivação. Também foi possível identificar dois usos mais comuns dos grupos: como ferramenta para promover um espaço extra-classe para trocas de recursos de aprendizagem e, como um ambiente para gerar a interação, trocas e feedbacks, promovendo o conhecimento. Assim, nota-se que tais grupos têm apresentado bons resultados, quando aplicados como recursos para mediar processos de ensino-aprendizagem junto ao público de nível superior.

Palavras-chave: Compartilhamento; Educação; Engajamento; Interação; Mídias sociais.

This work proposes to analyze the uses of Facebook groups for educational purposes in higher education, based on the scientific evidence presented in studies using this social media. Specifically, the objective is to map: the opportunities that this resource offers for learning among groups of students; to what extent such groups have helped the learning process; and the different strategies associated with its use for educational purposes. To this end, a literature review, of the scope type, was developed through studies obtained from the *Scopus* and *Web of Science* databases, published between the years 2018 and 2022. The information from the sample of selected studies was extracted and systematized with the help of the *StarArt* software. In all, 46 studies were included in the analysis. In general, they show positive results regarding the use of Facebook groups to help the teaching-learning process in higher education, especially with regard to better performance

in the learning process, peer interaction, engagement and motivation. It was also possible to identify two most common uses of groups: as a tool to promote an extra-class space for exchanging learning resources and as an environment to generate interaction, exchanges and feedback, promoting knowledge. Thus, it is noted that such groups have shown good results when applied as resources to mediate teaching-learning processes with the higher education public.

Keywords: Sharing; Education; Engagement; Interaction; Social media.

1 INTRODUÇÃO

Com o rápido desenvolvimento da *Internet*, vimos a crescente popularidade das comunidades virtuais. Não só o *Internet* fornece uma plataforma para discussão, mas também permite que os usuários na rede fácil e rapidamente compartilhem opiniões e ideias com os outros no ambiente virtual, pois as comunicações não são limitadas pelo tempo e localização. A comunidade *on-line* mudou o modo de vida da maioria das pessoas, e também tem se apresentado como um meio para se ampliar o conhecimento entre indivíduos (PI; CHOU; LIAO, 2013), tanto que, hoje estamos vinculados a diversas comunidades *on-line*, nos mais diversos aplicativos, sites e plataformas.

Atualmente bilhões de pessoas em todo o mundo usam sites de mídias sociais, com um número crescente de usuários acessando esses sites para obter informações de saúde, educação, entre tantos outros. Além da busca por informação, também usam tais sites para compartilhar e produzir conteúdos diversos.

Atrelado a isso, e cada vez mais permeado pelo uso de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), está a educação. Hoje as instituições de ensino encontram-se imersas por práticas típicas de uma cultura digital, seja pelo uso de *hardware* (computadores, *smartphones* etc.) como *software*, tais como as mídias sociais, programas de computador, aplicativos, jogos, etc. Todos estes meios permitem uma interação constante, disponibilizam muitas informações em tempo real (VALENTE; ALMEIDA; GERALDINI, 2017). O cenário tecnológico que se apresenta para estudantes e docentes é caracterizado por uma cultura de convergência, onde há o uso de diferentes mídias, uma cultura de participação e o uso da inteligência coletiva (JENKINS, 2008). Neste contexto, a tecnologia

apresenta uma interligação simbiótica e constante entre os espaços físico e digital (MORÁN, 2015), com grande e variados potenciais de usos.

Os processos de ensino e aprendizagem têm sido influenciados por diversas tendências, entre elas, o uso cada vez mais presente de TDIC, como meio de mediar as relações entre aluno e professor. E, é inegável que as instituições de ensino são impactadas pelas mudanças ocorridas na sociedade e as TDIC têm se apresentadas como grandes catalisadoras dessas mudanças. Além disso, as concepções e técnicas de ensino têm sido constantemente questionadas (PAIVA *et al.*, 2016).

Diante deste contexto, os processos de aprendizagem aplicados nas universidades vêm sofrendo uma reformulação nos últimos anos, tendo como uma das responsáveis as críticas impostas aos métodos tradicionais de ensino e aprendizagem, que têm demandado a adoção de métodos ativos, efetivos e inovadores em diálogo com a contemporaneidade (LACERDA; SANTOS, 2018; MOTA; ROSA, 2018). Além disso, com a emergência e pelo fato de cada vez mais as mídias sociais estarem presentes no cotidiano dos alunos, os ambientes de ensino superior estão buscando formas de inserir a tecnologia para mediar e melhorar a instrução, além de promover uma aprendizagem ativa para os alunos (TESS, 2013).

Como uma alternativa, as metodologias ativas vêm sendo aplicadas como forma de superar um modelo centrado na transmissão de conteúdos, para um modelo centrado no aluno. Alguns estudos demonstram como o uso de metodologias ativas no ensino superior têm colaborado para diferentes ganhos para alunos e professores, integrando saberes diversos e facilitando de diferentes modos a aprendizagem (SALVADOR; IKEDA, 2019; CAVIGNAC *et al.*, 2019).

Uma das estratégias que vem sendo introduzidas nas salas de aulas como forma de promover uma aprendizagem mais ativa é o uso de mídias sociais. Oh *et al.* (2013) afirmam que as mídias sociais como o *Facebook* são importantes instrumentos para a promoção do apoio social, uma vez que é possível superar as barreiras geográficas ao formar uma rede virtual. Dentre as funcionalidades do *Facebook* estão os grupos, que são um dos recursos oferecidos pela plataforma. Nestes grupos, pessoas podem se reunir para trocar uma diversidade de materiais, interagir e conversar. Um dos usos destes grupos é na educação, como meio para

ampliar o conhecimento dos alunos (BARAN, 2010). Por ser um espaço que permite uma extensão do ambiente de sala de aula, os grupos, onde há alunos e professores, podem ser um ambiente único para a consolidação da aprendizagem.

Tendo em vista os usos dos grupos do *Facebook* para o ensino e aprendizagem, o presente estudo tem por intuito analisar os usos e aplicações dos grupos do *Facebook* em processos educativos no ensino superior, buscando responder a seguinte questão: Como os grupos do *Facebook* têm sido utilizados no processo de ensino-aprendizagem entre estudantes universitários e quais os seus impactos nesse contexto? Desta forma, busca-se analisar os usos de grupos do *Facebook* para fins educacionais no ensino superior, sistematizando as evidências identificadas na literatura científica, que tratem do processo de ensino e aprendizagem com estudantes do ensino superior, no nível de graduação. Para responder à questão principal de pesquisa, um conjunto de questões de pesquisas foram definidas, conforme detalhado:

- Fornecer uma visão abrangente sobre os usos dos grupos do *Facebook* no ensino superior a partir da literatura científica;
- Descrever os principais aspectos em torno do uso do *Facebook* como ferramenta de suporte na educação, destacando vantagens e obstáculos do seu uso;
- Apresentar e discutir os principais temas que emergem dos estudos sobre os usos de grupos do *Facebook* na educação superior, destacando seu diálogo com aspectos pedagógicos e didáticos.

Importante ressaltar que, o uso de aplicativos e mídias sociais em sala de aula é algo que vem chamando a atenção de alunos, docentes e formuladores de políticas para a educação. Como a demanda crescente por metodologias ativas e por estratégias que ampliem o engajamento dos alunos em sala de aula tem sido uma cobrança cada vez maior, além do uso crescente de tecnologias digitais de informação e comunicação, novas estratégias e recursos têm sido aplicadas, tais como o uso de grupos virtuais para suporte a processos formativos, como é o caso dos grupos do *Facebook*. De modo geral, as pesquisas demonstram consistentemente que os grupos do *Facebook* são uma ferramenta eficaz para apoiar a aprendizagem (MANCA; RANIERI, 2016). E, devido à popularidade do *Facebook* entre os estudantes universitários, torna-se imperativo para educadores

e pesquisadores entender como esta plataforma de rede social pode ser usada como uma plataforma de comunicação e aprendizagem (SAINI; ABRAHAM, 2019). Mas afinal, o que se sabe sobre seu uso com o público de nível superior?

O *Facebook* é uma das principais mídias sociais mundiais e tem sido utilizada para diferentes atividades educativas nos mais diversos contextos educativos e para públicos diversos. Diante da gama de estudos que vem sendo desenvolvidos sobre a aplicação de grupos do *Facebook*, não há nenhum estudo sistematizando as principais evidências identificadas na literatura sobre a aplicação destes perante o público universitário, lacuna esta que a presente pesquisa pretende preencher. Cabe destacar que, já encontram-se publicados alguns estudos de revisão sistemática sobre o uso dos grupos do Facebook, como o estudo de Aydin (2012), onde o autor apontava a necessidade de compreender melhor sobre o uso do Facebook como um recurso educacional, isso há mais de 10 anos atrás e, posteriormente a isso, o estudo de Manca e Ranieri (2016), que analisaram 147 estudos publicados sobre o uso do Facebook na educação, entre os anos de 2012 e 2015. Neste período, os autores notam que o Facebook como ferramenta educativa, começa a ser mais recorrente, mas com os recursos disponíveis explorados em diferentes graus.

Tal esforço justifica-se, no intuito de identificar os principais ganhos obtidos com o emprego de grupos do *Facebook* junto aos estudantes do ensino superior e também, para avaliar, diante da variedade das ferramentas tecnológicas emergentes e de novas mídias sociais, como o *Whatspp*, o atual estado de uso dos grupos do *Facebook* na educação de nível superior. Além disso, diante da demanda por novas atividades, métodos ativos, explorar as potencialidades e fragilidades do uso de grupos do *Facebook*, pode representar um avanço, no sentido de caracterizar e oferecer a oportunidade de uma compreensão mais abrangente sobre o uso desta ferramenta.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 As Interações no Ciberespaço, Inteligência Coletiva e Capital Social

Ações cotidianas ligadas ao uso da *Internet* e o incremento nos estudos sobre a Comunicação Mediada por Computador (CMC), fizeram com que houvesse

uma mudança significativa na perspectiva dos usos da *Internet*. Quem imaginaria a dimensão que as mídias sociais, como o *Facebook*, entre outras tomariam nos dias de hoje? Nesta perspectiva, vale lembrar o que Lévy (1999, p.23) havia refletido sobre a emergência do ciberespaço:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Lévy (1999) antes mesmo da *Internet* ganhar a dimensão e importância que tem nos dias de hoje, já destacava o potencial do ciberespaço em possibilitar formas de relacionamento livres de tempo e espaço geográfico, para além de meios como a telefonia e os correios, por exemplo (MIRANDA; DIAS, 2003). O ciberespaço abriu amplo leque de possibilidades de interação, pois nele é possível “que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários” (LÉVY, 1999, p. 52).

Hoje, temos muitos recursos e plataformas disponíveis na *Internet* para a formação de comunidades. Dentre estas diferentes mídias, as redes sociais virtuais são o principal espaço de integração de indivíduos no mundo virtual. Para Recuero (2009a, p. 69) uma rede social “é sempre um conjunto de atores e suas relações”, com relações dinâmicas e sempre em transformação, transformações estas influenciadas largamente pelas interações.

As “mídias sociais são ambientes virtuais nos quais sujeitos se relacionam instituindo uma forma de sociabilidade que está ligada à própria formulação e circulação do conhecimento” (DIAS *et al.*, 2011, p. 636). O que nas palavras de Recuero (2009b) significa:

Ao publicar uma determinada informação que seja considerada relevante para a rede, um ator pode aumentar o conhecimento que circula no grupo. Por conta disso este ator pode ser receber, em troca, algum tipo de reputação do grupo. Essa reputação pode estar relacionada com a credibilidade das informações divulgadas, com a relevância dessas informações para a rede e etc.” O capital social que a publicação de uma determinada informação irá gerar para um determinado ator está

diretamente relacionado com a relevância dessa informação para o grupo, bem como sua novidade e sua especialidade para a rede social (p. 07).

Desse modo as mídias sociais, dentre outras finalidades, se organizam para constituir um sujeito do conhecimento e que, ao mesmo tempo, é consumidor e produtor de conhecimento. No caso do *Facebook*, isso ocorre pela possibilidade de colocar em circulação e compartilhar textos, artigos, vídeos, eventos, excertos, lançamentos de livros, campanhas, etc. (DIAS *et al.*, 2011, p. 637). Deixando claro que, aqui estamos entendendo o *Facebook* como uma mídia social, com características de uma rede social, diante os apontamentos feitos anteriormente.

Quando participamos de uma rede social como o *Facebook*, passamos a navegar nas informações disponíveis a qualquer momento, em qualquer lugar, aprofundando o conhecimento, trocando ideias com os participantes, compartilhando conteúdos, explorando outras possibilidades de criar e articulando saberes e experiências (SANTOS, 2015). É claro que, há uma variedade de informações não confiáveis disponíveis e sendo produzidas a todo momento nas mais diversas mídias, e que demandam o controle e ponderação sobre as informações/conteúdos compartilhados, como ocorrem em redes como o *Facebook*.

O *Facebook*, por exemplo proporciona a seus membros acesso a um tipo de valor específico de capital social, por meio de uma manutenção das conexões sociais já existentes na vida do indivíduo, que extrapola o mundo real, tendo uma continuidade no mundo virtual (ELLISON; STEINFIELD; LAMPE, 2007). Plataformas como o Facebook, possibilitam que na última década diferentes usuários pudessem maximizar seu “capital social a que tem acesso na medida em que sustentam mais conexões do que seria possível obter no espaço *off-line*” (RECUERO, 2014, p 118).

As informações compartilhadas na *Internet* pelos usuários, que em tempo de conhecimento interativo são também produtores de informação, versam sobre os mais variados assuntos: banalidades, assuntos pessoais, política, celebridades, religião, etc. Para Shang, Wu e Li (2017) os processos cognitivos dos sujeitos que atuam no compartilhamento de informação nas mídias sociais podem ser influenciados pela dinâmica dos membros do contexto onde o compartilhamento de informações ocorre e pela qualidade do conteúdo que é compartilhado, ou seja, o

compartilhamento de informação reflete uma condição situacional, a qual também pode variar em relação as expectativas de socialização e de colaboração de um dado ambiente digital (SHANG; WU; LI, 2017).

Por mais que o compartilhamento de informações exija menos comprometimento por parte daqueles que o praticam, a sensação de pertencimento a uma dada comunidade pode encorajar e estimular os indivíduos a essa ação, ou seja, a motivação impulsiona o comportamento (SHANG; WU; LI, 2017). Para Shang, Wu e Li (2017), com base na chamada teoria de avaliação cognitiva, a ação de compartilhar informações advém de estímulos intrínsecos e extrínsecos aos indivíduos. Assim, ao se analisar uma comunidade, é importante considerar os diferentes interesses e perfis de engajamento dos participantes, algo que está diretamente ligado à motivação destes.

A motivação extrínseca é percebida quando a satisfação no ato de compartilhar informação se dá pelas recompensas que a comunidade fornece ao indivíduo que compartilha (SHANG; WU; LI, 2017). Por outro lado, a motivação intrínseca ocorre quando a atividade de compartilhar é empreendida para satisfazer uma necessidade imediata e o comportamento é guiado por sentimentos próprios do indivíduo que não são oriundos de uma relação de causa-efeito com o ambiente em que ele está (SHANG; WU; LI, 2017). Os motivadores que interferem no comportamento de compartilhar informações nas mídias sociais, segundo Shang, Wu e Li (2017), são: utilidade percebida, identificação da comunidade, interação social, satisfação percebida, tendência ao altruísmo e autoeficácia.

Podemos observar que, em grupos em mídias sociais, um efeito notório é a cooperação entre os membros em torno de um tema. Sennett (2015, p.15) define cooperação “[...] como uma troca em que as partes se beneficiam”. Para o autor a cooperação é imediatamente identificável nos seres vivos, pois seres sociais cooperam para conseguir aquilo que não conseguiriam alcançar sozinhos (SENNETT, 2015). A forma mais aplicada de cooperação é denominada de produção colaborativa, que de acordo com Shirky (2012) é o tipo de colaboração que apresenta maior tensão entre os objetivos do indivíduo e os objetivos do grupo, e se pauta nas ideias de que há uma criação coletiva, onde o crédito não é individual, mas coletivo, pois é fruto da participação de vários atores.

Diante desta emergência das comunidades virtuais, estes espaços tornam-se únicos para o surgimento da inteligência coletiva (IC), que é um tipo de inteligência possível por conta da utilização das redes abertas no ambiente on-line, uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta numa mobilização efetiva das competências, e no qual o seu desenvolvimento é favorecido pelo ciberespaço (LÉVY, 1999).

Vale mencionar que o conceito de IC, empregado neste estudo, não é recente. Pór (1995) defende o conceito de IC como a capacidade de uma comunidade evoluir para um pensamento de complexidade de ordem superior, resolução de problemas e integração através da colaboração e inovação”. Malone e Klein (2007) a definem como a canalização sinérgica e cumulativa do conhecimento do ser humano e recursos técnicos agora disponíveis pela *Internet*. Yannou *et al.* (2008) a veem como um tipo de inteligência que emerge da sinergia dos esforços criativos individuais quando ocorre uma tarefa cognitiva (por exemplo, inovação colaborativa).

A ideia por trás do conceito de inteligência coletiva aponta para uma “identidade de saber” que vai muito além do nível de escolaridade ou classe dos participantes, mas também pelo “valor pessoal”, isto é, conhecimento e experiências, que ao serem compartilhados podem influir diretamente na estrutura de uma comunidade (LÉVY, 1998, p. 28). É claro que, hoje, após as projeções feitas por Pierre Lévy, o ciberespaço mostra-se não tão democrático quanto propagado pelo autor.

No Brasil e fora do Brasil já temos alguns estudos sobre a inteligência coletiva nas mais diversas áreas (SECUNDO, 2016; TEIXEIRA *et al.*, 2016; MUNINGER; HAMMEDI; MAHR, 2019). Numa revisão sobre as contribuições da *Web* (ambientes on-line) como veículos para a construção da IC, Lopes (2012), notou que a utilização de ferramentas colaborativas aporta melhorias ao simplificar o processo de comunicação e permitir uma maior interação entre pessoas, ampliando as possibilidades de colaboração.

Para Franco (2018), os estudos sobre a IC têm mostrado que, as atividades dos indivíduos em grupos apresentam diferentes manifestações, as quais podem ser identificadas como compartilhamento, cooperação e ação coletiva. No seu

estudo o autor (2018) notou que as manifestações da inteligência coletiva são variáveis e dependem do tipo de ambiente, como o *Youtube*, *Facebook* e *Wikipédia*, onde a IC se manifesta de diferentes modos.

Pela função de rede social, o *Facebook*, por exemplo, possibilita a troca e agregação de experiências. Isso porque, o *Facebook* dá a possibilidade de fala ampliada àqueles que dela não dispunham. Além disso, é preciso considerar as diferentes funcionalidades disponibilizadas pela plataforma. Muitas pessoas se valem disso de forma bastante positiva, “demonstrando-se engajadas na divulgação de informações de interesse público, marcando um contato numa postagem que trate de algum interesse desse contato, ou até mesmo construindo redes de informação específica” (FRANCO, 2018, p. 105).

Apesar de seus pontos positivos, não devemos esquecer que quaisquer tipos de interações podem acarretar em conflitos, entre outros problemas. A construção coletiva de conhecimento e a interação entre pessoas não é das tarefas mais simples. Como aponta Campos (2009, p. 107) “quando esses processos de inteligência coletiva e sabedoria das multidões passam a voltar-se contra seus propósitos de construção coletiva e reflexão de saberes podem convergir para processos conformistas, restritivos ou negativos”.

Para além de todos os benefícios e possibilidades, o uso das TDIC trazem uma série de desafios para o contexto escolar. Claro, não devemos negar o seu uso em função dos problemas em torno deste, mas é primordial considerar que estamos num contexto, onde as mídias digitais para a educação, são capazes, entre outras coisas de limitar a convivência social; dificultam a concentração, tendo em vista o variado número de estímulos que existem na Internet. Como defendido por Moretto e Dametto (2018), a educação deve caminhar em conjunto com a sociedade, assim, a educação deve se adaptar às novas tecnologias integrando estas no dia-a-dia.

2.2 Metodologias Ativas na Educação

As metodologias ativas datam da década de 1980, como um meio de superar uma tradição de aprendizagem passiva, centrada na oralidade dos conteúdos por parte do professor (MOTA; ROSA, 2018). Assim, como nos lembra Diesel, Baldez

e Martins (2017), as metodologias ativas, especialmente quando tratamos de seus fundamentos, não são algo tão novo, pois tais fundamentos já estão consagrados na defesa que vários autores do campo da educação, já fizeram há muito tempo sobre a necessidade de se promover uma educação, crítica, interativa e capaz de colaborar para formação de um indivíduo autônomo, como defendido por Paulo Freire (2004).

Para Lacerda e Santos (2018), os métodos ativos preenchem a falha da escola tradicional ao apresentarem melhores resultados quanto a uma aprendizagem significativa para o discente. Lembrando que, aprender de forma ativa envolve um protagonismo do aluno no sentido de "buscar, processar, entender, pensar, elaborar e anunciar, de modo personalizado, o que aprendeu" (FERRARINI; SAHEB; TORRES, 2019, p.05).

Trabalhar com métodos ativos, como o próprio nome sugere, também objetiva desenvolver a interação entre os estudantes e favorecer as discussões construtivas (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017). As metodologias ativas buscam estimular a interação aluno-professor, aluno-aluno e aluno-materiais/recursos didáticos com base num trabalho colaborativo (MOTA; ROSA, 2018). Tais metodologias possibilitam que se rompa com o modelo tradicional de ensino, que compreende o professor como detentor e transmissor do conhecimento e os alunos como meros receptores; também possibilita a integração entre teoria e prática; permite o uso da avaliação formativa, além do desenvolvimento de uma visão crítica da realidade (PAIVA *et al.*, 2016). Esses métodos têm a capacidade de despertar a curiosidade dos alunos, além de valorizar as contribuições destes os engajando nos processos (BERBEL, 2011).

Sobre o entendimento acerca do que são as metodologias ativas, vale destacar, como pontuado por Valente, Almeida e Geraldini, (2017), que a aprendizagem é sempre ativa, pois ela acontece em interação com o meio, mesmo que ela se resume à memorização. Já métodos ativos, dizem respeito às situações desenvolvidas "pelo professor com a intenção de que o aprendiz tenha um papel mais ativo no seu processo de ensino e aprendizagem" (p. 464). Ou seja, os métodos ativos se caracterizam pelo uso de diferentes recursos com fins pedagógicos, destinados a superar um modelo de aprendizagem passiva, onde o aluno é apenas um receptor do conhecimento.

As metodologias ativas emergiram da necessidade de se inovar em sala de aula, da busca por constante renovação dos processos, onde além das ferramentas aplicadas, há uma proposta de mudança das relações entre estudantes e professores, sendo o papel deste último renovado, intercambiando entre uma atuação como mediador, facilitar e catalisador dos processos de aprendizagem (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017). Isso corrobora com o argumento defendido por Morán (2015), do professor como um curador, tanto no sentido de agente responsável por ajudar os alunos a escolherem as melhores opções de recursos, como também no sentido de apoiar, estimular e orientar os aprendizes. Mas, a falta de preparo por parte dos professores, apresenta-se como um grande desafio, quando tratamos da implementação das metodologias ativas (STROHER *et al.*, 2018; ESTEVES *et al.*, 2018).

Segundo Diesel, Baldez e Martins (2017), há alguns princípios que fundamentam as metodologias ativas. O aluno deve ser o centro do processo de aprendizagem, retirando este do lugar de mero expectador e o colocando como agente ativo de construção do conhecimento, assim, há de se explorar a autonomia do aluno no intuito de desenvolver uma postura crítica neste. Mas, como fazer isso? Ainda segundo estes autores (2017), é preciso que as metodologias de ensino problematizem a realidade e promovam reflexões, isto implica fazer uma análise do contexto de forma a tomar consciência sobre este.

Para além dos aspectos que fundamentam as metodologias ativas, há uma série de metodologias muito bem estruturadas que são comumente aplicadas em sala de aula. Entre as mais populares estão: aprendizagem baseada em projetos, aprendizagem baseada em problemas, aprendizagem por pares, método do caso ou discussão e solução de casos, sala de aula invertida, estudos de caso, aprendizagem por meio de jogos, entre outros (BERBEL, 2011; VALENTE; ALMEIDA; GERALDINI, 2017; STROHER *et al.*, 2018; LOVATO; MICHELOTTI; LORETO, 2018; FERRARINI; SAHEB; TORRES, 2019).

A tecnologia digital é um instrumento que potencializa as metodologias, sejam elas ativas ou não. Segundo Ferrarini, Saheb e Torres (2019), quando tratamos de tecnologias, estamos nos referindo aos equipamentos, instrumentos, recursos, produtos, processos e ferramentas, que são fruto da criação humana, que transforma a sociedade. Por outro lado, com o advento da telecomunicação e da

eletrônica, emergiram as tecnologias digitais, que designam as tecnologias baseadas na linguagem binária, que usam a Internet. Assim, o advento das TDIC na educação não implica necessariamente em novas tecnologias, mas sim na potencialização de possibilidades (QUIROZ; CASTILLO, 2017).

Assim, atualmente há uma série de recursos como games, softwares e plataformas de gestão educacional, que auxiliam professores no incremento de atividades, que promovem entre outras coisas, engajamento, motivação e melhoria no desempenho entre estudantes. Ou seja, os métodos ativos são inseridos nos processos educativos, visando obter mais participação dos estudantes, a partir de estratégias e recursos que desenvolvem diferentes tipos de competências, habilidades e mudanças na forma de se ensinar e de se aprender.

2.3 O Facebook

O *Facebook* é o líder de mercado em serviços de mídias sociais (*social network sites* - SNSs), com quase 3 bilhões de usuários diários médios em todo o mundo. Além disso, os usuários do Facebook gastam em média 19,6 horas mensais na plataforma (WE ARE SOCIAL, 2022). Esses números são decorrentes, em grande parte pelo maior acesso à Internet e aos *smartphones* (WE ARE SOCIAL, 2022).

O *Facebook* fornece aos seus usuários além de uma página de perfil personalizada, uma série de funcionalidades de comunicação, compartilhamento de informações, geração de lista de membros da rede, álbuns de fotos, entre outros recursos como a formação de grupos no *Facebook* que consistem em membros com interesses sociais semelhantes para compartilhar seus respectivos conhecimentos (MAZMAN; KOÇAK-USLU, 2010). Entre as principais funcionalidades do *Facebook* estão as postagens, as interações proporcionadas entre os usuários e os grupos, que discutiremos a seguir.

O conteúdo principal do *Facebook* é um *feed* de atualização de postagens. As postagens (publicações) são curtas, limitadas a artefatos digitais criados pelo usuário, seus amigos, seus grupos e páginas gerados por provedores de conteúdo. As modalidades mais comuns usadas nos posts são breves trechos de texto, imagens, links da web e vídeos. “Os servidores do *Facebook* compilam postagens

com publicidade para gerar um *feed* personalizado para cada usuário com base em suas afiliações de rede” (MOORE-RUSSO *et al.*, 2017, p.3). A parede - seção de uma página no *Facebook* - é um espaço onde os administradores de uma conta (página, grupos, contas pessoais) e os comentaristas públicos podem postar mensagens (GAGE-BOUCHARD *et al.*, 2018).

Os usuários do *Facebook* interagem com postagens de várias maneiras. O mais popular e mais fácil de uso é o botão “*like*”, introduzido em 2009 (KINCAID, 2009). No Brasil o botão é conhecido como “curtir”. Qualquer um que possa ver o *post* (numa tradução livre é o mesmo que postagem, que em suma é uma publicação de algum conteúdo) pode ver quantos *likes* um *post* recebe e quem gostou do *post*. Além de gostar, os usuários podem fazer comentários nas postagens e responder a outros comentários, potencialmente incluindo imagens e links da web (MOORE-RUSSO *et al.*, 2017). Os comentários também têm botões, independentes além do botão “*like*”, que expressão diferentes reações do usuário ao conteúdo da postagem. Exemplos de reações no *Facebook* são apresentadas na Figura 1.

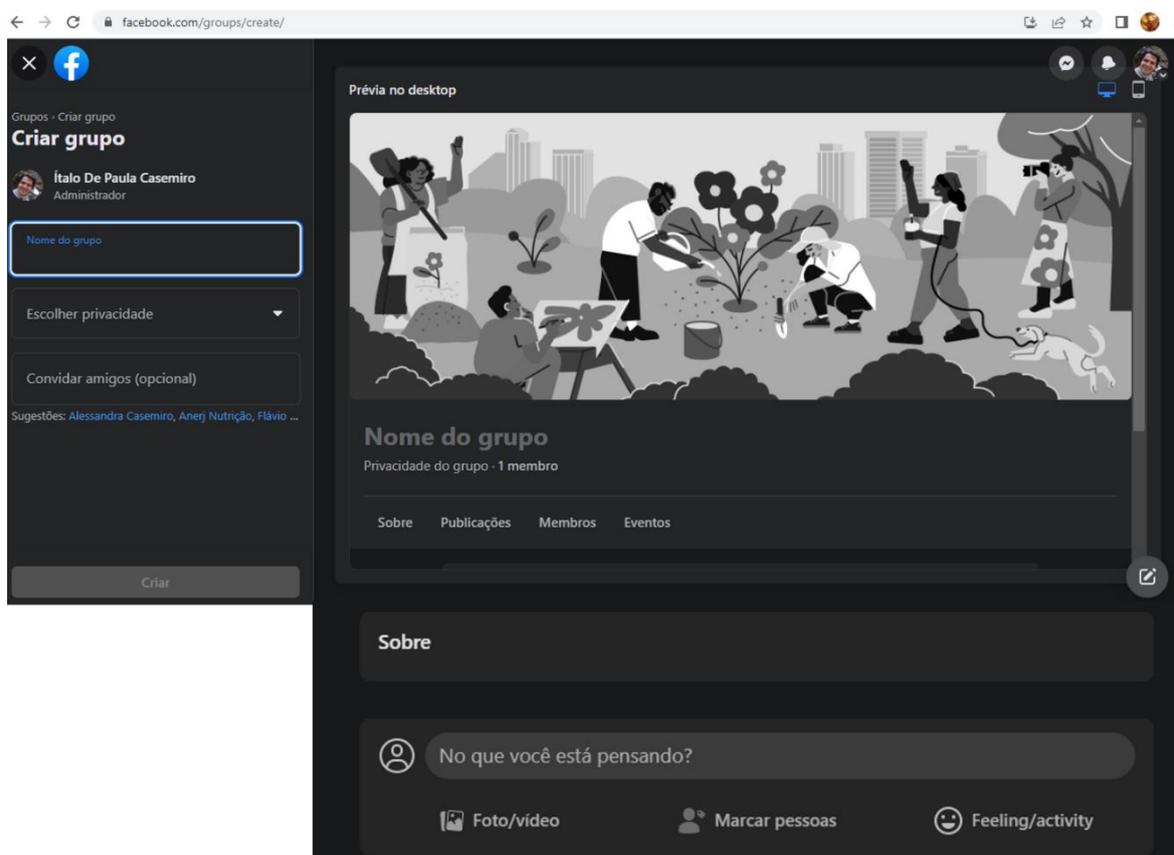
Figura 1 – Emotions Comumente Usados no Facebook



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Entre os recursos oferecidos pelo *Facebook*, o *Facebook Groups* é uma das aplicações mais populares. Ao contrário do compartilhamento regular do *Facebook* para todo o público nos perfis pessoais ou páginas de organizações, o *Facebook Groups* (Figura 2) oferece um espaço privado para usuários com interesses comuns para gerar discussões e compartilhar informação. Os usuários do *Facebook* podem interagir e interagir de maneira fácil e eficiente, compartilhando informações com outras pessoas quando elas ingressarem em um grupo. Grupos do *Facebook* são formados por usuários com interesses comuns e autorizados a compartilhar informações em seu próprio espaço privado (PI; CHOU; LIAO, 2013).

Figura 2 – Página de Edição do Grupo do Facebook, com seus Principais Elementos



Fonte: O autor (2023).

Grupos são entidades administradas pelo usuário do *Facebook* que podem gerar postagens para seus próprios cronogramas e os *feeds* dos membros. Um ou mais usuários registrados do *Facebook* servem como administrador ou moderador do grupo. Grupos do *Facebook* permitem conexão em torno de um interesse comum, e a participação em grupo está publicamente disponível, moderada por um administrador (FACEBOOK, 2018). Dentre as características de um grupo no *Facebook* “o mesmo poderá ser do tipo aberto, fechado e secreto, sendo que o aberto, tanto o grupo, os participantes, como as publicações deste grupo, estão visíveis e o mesmo poderá ser achado na busca do *Facebook*” (CHAGAS; LINHARES, 2014, p. 298-299).

2.3.1 Grupos do Facebook na Educação

Os grupos do *Facebook* são criados com diversas finalidades, entre as quais, destacamos o seu uso para o suporte ao ensino. Na sociedade contemporânea, o *Facebook* facilita a formação de grupos de pessoas no ambiente on-line (AHERN; FELLER; NAGLE, 2016). Ahern, Feller e Nagle, (2016) analisaram o uso de grupos do *Facebook* por estudantes de graduação e notaram que os grupos induzem uma interação e, conseqüentemente satisfaz níveis altos de informação e tomada de decisão por parte dos alunos.

Moghavvemi *et al.* (2017) examinaram a relação entre o prazer percebido, os benefícios recíprocos, a expectativa de resultado e o poder do conhecimento num grupo de alunos universitários de um curso de graduação. Como os autores notaram, alunos compartilham conhecimentos e ajudam outros devido ao resultado esperado, tais como o enriquecimento do conhecimento e reconhecimento dentro do grupo (MOGHAVVEMI *et al.*, 2017). Moghavvemi *et al.* (2017) também notaram que, os fatores que afetam a partilha de conhecimento dos alunos podem diferir entre diferentes pessoas e contextos. Além disso, os resultados mostraram a usabilidade de um grupo do Facebook na criação de um senso de pertencimento a membros da comunidade com interesses semelhantes, o que poderia ser um fator influente para compartilhar experiência.

Como afirmam Nguyen, Yan e Thai (2013) as mídias sociais oferecem oportunidade para os alunos construir conhecimento e os ajudam a serem ativos na criação e no compartilhamento de informação. Ryberg e Davidsen (2018) descobriram que, atividades on-line incentivam os alunos a interagir e trocar conhecimentos que por sua vez promove um senso de comunidade. Este fato também foi corroborado Sheeran e Cummings (2018) que observaram que os alunos tinham um forte senso de pertencer ao se envolver em grupos do *Facebook*, independentemente de os grupos serem oficiais ou não. Corroborando então, com a proposta de IC de Lévy (1999), como já explicitado anteriormente.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL) avalia pesquisas primárias a fim de fornecer um resumo do estado da arte do conhecimento sobre um determinado problema. Por meio dela, tenta-se coletar todas as evidências empíricas que se encaixam nos critérios previamente especificados com a

finalidade de responder a uma questão de pesquisa. Ela utiliza métodos explícitos e sistemáticos que permitem resultados mais confiáveis (LASSERSON; THOMAS; HIGGINS, 2019). Assim, a RSL é uma metodologia específica e reprodutível utilizada para “[...] identificar, selecionar e avaliar todos os estudos de um nível de qualidade previamente acordado [...] que são relevantes para uma questão particular” (BOOTH; PAPAIOANNOU; SUTTON, 2012, p. 3).

Para esta pesquisa, optou-se pela adoção de uma revisão da literatura do tipo escopo. A revisão do tipo escopo, permite ao pesquisador a análise de uma questão ampla de pesquisa, definindo aspectos de inclusão e exclusão durante a extração de dados, selecionando qualquer tipo de estudo e elaborando a análise a partir disso. Para conduzir este método, foi adotada a metodologia proposta por Arksey e O'Malley (2005), que inclui cinco fases de uma revisão do escopo: (1) identificar a questão da pesquisa, (2) identificar estudos relevantes, (3) seleção de estudos, (4) mapear os dados e (5) coletar, resumir e elaborar relatório de resultados.

Na visão de Daudt, Van Mossel e Scott (2013), a revisão de escopo é muito útil para mapear a literatura sobre um tópico específico, buscando oferecer a oportunidade de se identificar conceitos, lacunas de pesquisa e fontes de evidências. Deste modo, a análise é efetuada por meio de uma abordagem qualitativa e descritiva (LEVAC; COLQUHOUN; O'BRIEN, 2010). Este tipo de revisão difere das revisões sistemática em que se busca responder a questões precisas e avaliando-se a qualidade metodológica de artigos. Como defendido por Davis, Drey e Gould (2009), a revisão do tipo escopo não busca um aprofundamento das evidências, mas uma visão geral e ampla sobre um tema.

O foco desta pesquisa foi a literatura sobre grupos do *Facebook*, no intuito de contribuir para o entendimento das aplicações e usos deste recurso na educação de nível superior. Para garantir a captura de uma literatura especializada sobre este tópico, foram elencadas as seguintes questões secundárias:

- 1 - Que estratégias estão sendo adotadas para o uso dos grupos do *Facebook* diante de alunos de ensino superior?
- 2 - Qual o nível de aceitação dos alunos que participaram dos estudos aplicando esta ferramenta?

3 - Quais os resultados positivos proporcionados, na perspectiva do ensino e aprendizagem?

4 - Quais cuidados se deve ter ao usar os grupos do *Facebook* com fins educacionais,

Assim, este estudo mapeia evidências coletadas na literatura sobre o uso grupos do *Facebook*, no intuito de propor recomendações para educadores, em especial aqueles atuantes no ensino superior.

3.1 Coleta de Dados

A coleta de estudos foi realizada no dia 02 de abril de 2023 nos repositórios de estudos científicos *Scopus* e *Web of Science*. Tais repositórios foram selecionadas por serem amplamente conhecidos, seja pela abrangência e diversidade de estudos, seja por conta da qualidade dos estudos, tendo em vista que os principais periódicos do planeta se encontram indexados neles e por abrangerem uma gama variada de disciplinas.

A coleta limitou-se aos estudos publicados entre os anos de 2018 a 2022, a fim de obter um panorama mais recente sobre o tema. Para se empregar as palavras-chave que pudessem recuperar pesquisas de interesse para a amostra, foi seguida a indicação Chen e Xiao (2016): descritores escolhidos através de publicações de alto nível ou então, por meio de palavras-chave importantes que indiquem um grande campo de estudo e sua conexão em nível micro. A partir desta última sugestão foram escolhidas palavras neste estudo que remetesse aos temas principais da pesquisa: alunos de ensino superior, no nível de graduação, grupos do *Facebook* e aprendizagem. Assim, a estratégia de busca por estudos, juntamente com operadores booleanos e os resultados obtidos na busca encontram-se descritas no Quadro 1.

Quadro 1 - Estratégia de Busca e Resultados em cada Base de Dados

Base	Estratégia	Filtros	Resultados
<i>Scopus</i>	<i>facebook AND (group OR groups) AND ("university student" OR "university students" OR student OR students OR undergraduate OR "undergraduate student") AND ("higher education" OR</i>	título, palavras-chave e resumo	153 estudos
<i>Web of Science</i>		tópico, que inclui palavras-chave, título,	204 estudos

	“ <i>undergraduate education</i> ” OR <i>university</i> OR <i>universities</i>) AND (<i>education</i> OR <i>e-learning</i> OR <i>learning</i> OR <i>teaching</i>)	resumo e <i>keywords plus</i> *	
--	--	---------------------------------	--

Fonte: Dados da Pesquisa (2023).

* **Nota:** são termos de índice gerados automaticamente a partir dos títulos de artigos citados.

Ao todo foram obtidos 357 artigos nas bases *Scopus* e *Web of Science*, entre os anos de 2018 e 2022. Primeiramente, foi feita uma análise para a identificação de artigos duplicados nas bases, assim, foi feita uma exclusão inicial de artigos duplicados, com o auxílio do gestor de referências *Zotero* versão 6.0.9®, restando 265 estudos. Para a pesquisa, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão dos estudos (Quadro 2), visando obter uma amostra condizente com o escopo da pesquisa.

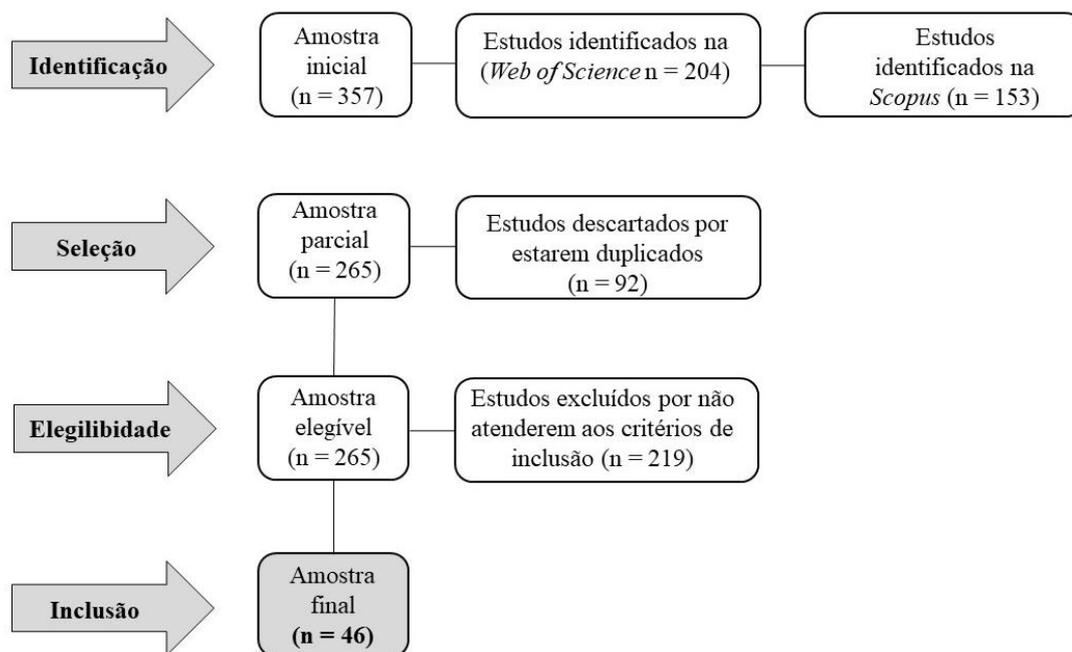
Quadro 2 – Critérios de Inclusão e Exclusão

Critérios de Inclusão	Critérios de Exclusão
<ul style="list-style-type: none"> • Artigos revisados por pares; • Artigos empíricos, isto é, artigos onde os grupos do Facebook foram utilizados • Estudos publicados em inglês, português ou espanhol; • Estudos que tratavam de fins do uso dos grupos do Facebook para o suporte no processo ensino-aprendizagem. • Estudos conduzidos com alunos no nível de graduação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Publicações diferente de artigos, tais como resumos, editoriais, teses, dissertações, relatórios, resenhas, comentários, entre outros; • Artigos que apenas referenciam os grupos do Facebook ou artigos apenas teóricos, sem descrever o processo de aplicação destes. • Artigos que apenas referenciam os Grupos do Facebook, sem descrever o processo de aplicação destes. • Estudos tratando de níveis de ensino diferentes do nível superior ou no nível de pós-graduação

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Depois de comparar os resultados dessas buscas, foram retirados os estudos que não atendiam ao escopo da pesquisa, restando 46 artigos que atenderam ao objetivo da pesquisa. Como o foco da pesquisa é o público vinculado ao ensino superior, foram mantidos na amostra final, apenas estudos que vinculavam o uso de grupos do *Facebook*, aos estudantes de nível superior no nível de graduação. Como forma de aumentar o rigor metodológico, assim como a transparência, seguimos o modelo PRISMA para o *check-list* dos passos utilizados na pesquisa (TRICCO *et al.*, 2018). Na Figura 3 é apresentada a sistematização do processo de coleta dos artigos selecionados.

Figura 3– Sistematização do Procedimento de Coleta de Estudos



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

3.2 Análise dos Estudos

Para a extração e organização dos dados obtidos nos estudos, foi utilizado o software StArt (*The State of the Art through Systematic Review*), desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisa em Engenharia de Software da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e foram seguidas as recomendações de Peters *et al.* (2015), no intuito de sistematizar informações como ano da publicação, local do estudo, público-alvo, estratégias em torno do uso de grupos do *Facebook*, métodos e resultados. A fundamentação da análise, foi baseada na análise temática (BARDIN, 1977).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Diante da amostra de estudos analisados no presente artigo (n=46), pode se notar que a maioria dos estudos foram publicados no ano de 2019 (n=17), mas também em anos recentes, com 18 publicações entre os anos de 2020 e 2022. Há uma grande variedade de estudos distribuídos em diversos países, com destaque para os estudos desenvolvidos por pesquisadores da Arábia Saudita (n=04), Tailândia (n=04) e Turquia (n=04). Outro aspecto de cunho metodológico que chama a atenção são os estudos com abordagens quantitativas, e que aplicam

delineamentos experimentais, por exemplo, comparando o efeito do uso de grupos do *Facebook* com outros meios não digitais. E, dentre os instrumentos metodológicos mais empregados, atrelado ao dado anterior, estão os questionários, empregados na maior parte dos estudos (n=37). Quanto aos objetivos dos estudos, nota-se que boa parte das pesquisas buscou explorar os efeitos da utilização dos grupos do *Facebook* entre estudantes do ensino superior.

No Quadro 3, são indicadas as evidências apresentadas nos estudos, a partir de dois eixos. Primeiramente, destaca-se que muitos estudos revelam como os grupos do *Facebook* podem auxiliar no engajamento, motivação e interação entre estudantes de nível superior. Segundo, nota-se que muitos estudos demonstram que os grupos, de fato, ajudam a melhorar o desempenho do estudante de graduação. Não obstante, há algumas limitações e cuidados em torno do uso destes grupos na educação, que foram categorizadas como obstáculos e cuidados.

Quadro 3 – Caracterização das Evidências Encontradas nos Estudos Seleccionados

Item	Referência	Aumento da Motivação/Engajamento /Interação	Melhoria no Processo de Aprendizagem
1	ABDULLA; NEO; LOW, 2022	X	X
2	ALMANSOUR; KURT, 2022		X
3	BASTIDA-ESCAMILLA, 2022	X	X
4	LIROLA, 2022	X	X
5	MEOUPPHAKARN; NEANCHALEAY; CHUATHONG, 2022	X	
6	DATKO, 2021	X	
7	FERNÁNDEZ; TUDELA; VERA, 2021	X	X
8	HOI, 2021	X	X
9	TINMAZ; LEE, 2021	X	
10	ULLA; ACHIVAR, 2021	X	X
11	ULLA; PERALES, 2021	X	X
12	WU, 2021	X	X
13	AL-DHELEAI; TASIR; JUMAAT, 2020	X	X
14	AL QUNAYEER, 2020	X	X
15	DAVIDOVITCH; BELICHENKO, 2020	X	X
16	HENRY <i>et al.</i> , 2020	X	
17	LOYOLA <i>et al.</i> , 2020	X	
18	PEÑALBA <i>et al.</i> , 2020	X	X
19	TASCHNER <i>et al.</i> , 2020	X	X
20	ALBERTH, 2019	X	X
21	AL AHMAD; OBEIDALLAH, 2019	X	X
22	AWIDI; PAYNTER; VUJOSEV, 2019	X	
23	CONNOLL; WILLIS; LLOYD, 2019	X	
24	CRUCES; BRICENO; MORENO, 2019	X	X
25	DASHTESTANI <i>et al.</i> , 2019	X	
26	JONES; GADALLA; LAZEM, 2019	X	X

27	KASUMA; AI LIN TAN, 2019		X
28	LI <i>et al.</i> , 2019	X	X
29	PEETERS, 2019	X	X
30	QI, 2019	X	X
31	RAHMAN <i>et al.</i> , 2019	X	
32	SAINI; ABRAHAM, 2019	X	X
33	SALAS-RUEDA; SALAS-RUEDA, 2019		X
34	SEXTON, 2019	X	X
35	SLIM; HAFEDH, 2019	X	X
36	THAI; SHEERAN; CUMMINGS, 2019	X	
37	VALOVA; MARINOV, 2019	X	X
38	ALKHOUDARY, 2018	X	X
39	ALTUNKAYA; TOPUZKANAMIŞ, 2018		X
40	BAILEY; JUDD, 2018	X	X
41	EKAHITANOND <i>et al.</i> , 2018	X	X
42	GHERMAOUI, 2018	X	
43	NAGUIB <i>et al.</i> , 2018	X	X
44	ÖZYURT; ÖZYURT, 2018	X	X
45	SAEED <i>et al.</i> , 2018	X	X
46	TOSUN, 2018	X	

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

4.1 Grupos do *Facebook* – Principais Estratégias e Usos na Educação de Nível Superior

As pesquisas sobre o uso de grupos do *Facebook* no ensino são recentes, até mesmo por conta da data de surgimento desta rede social. Vários estudos demonstram que por conta da facilidade de uso e popularidade, o *Facebook* tem sido uma rede muito usada por alunos em todo o mundo (GIANNIKAS, 2020; MOORTHY *et al.*, 2019).

De modo geral, os grupos são criados como uma plataforma complementar aos conteúdos ministrados em cursos presenciais. Além disso, são especialmente utilizados para compartilhar recursos extras de aprendizado. Como notado nos estudos analisados, por mais que as finalidades dos grupos sejam diversas, algo intrínseco nestes é o fato de serem espaços para compartilhamento.

Há uma série de vantagens percebidas diante do uso de grupos do *Facebook* na educação, como: fácil acesso a exemplos; cooperação entre os participantes, compartilhamento de soluções de problemas; fácil comunicação com o professor; interação entre pessoas, facilidade e rapidez, formação de grupos (PURIM; TIZZOT, 2019; RAHMAN *et al.*, 2019; LOYOLA *et al.*, 2020; TINMAZ; LEE, 2021).

Os grupos do *Facebook*, especialmente quando aplicados para determinadas disciplinas e cursos, é uma forma relevante de compartilhamento de conteúdo dos mais diversos, como vídeos, artigos científicos, animações, *links* de páginas da Internet entre outros conteúdos complementares. Como revelado no estudo de Cruces, Briceño e Moreno (2019), o compartilhamento de diferentes recursos é algo muito enriquecedor nos grupos, pois facilitam a aprendizagem e ampliam o conhecimento.

Cabe destacar que, o uso de grupos do *Facebook* não é feito de forma isolada em boa parte das vezes. Na verdade, os grupos vêm sendo utilizados em conjunto com outras aplicações e recursos digitais, ao ainda como suporte aos sistemas de gestão da aprendizagem (CHUGH; RUHI, 2018). Os grupos do *Facebook*, podem ser utilizados como uma plataforma de gerenciamento de curso, especialmente diante das limitações de sistemas tradicionais como a plataforma *Moodle*, que não possui determinados recursos e a dinamicidade dada pelos grupos do *Facebook*.

Vale lembrar que, o uso de sistemas de gestão da aprendizagem é um importante avanço nas instituições de ensino. Estes sistemas fornecem a professores e alunos um espaço seguro e protegido para o ensino e aprendizagem on-line (ALDIAB *et al.*, 2019). No estudo de Valova e Marinov (2019), os alunos, inclusive, indicaram que preferem usar o *Facebook*, ao invés do sistema de gestão oferecido pela instituição. Um recurso muito útil dos grupos são as notificações. Assim, quando algo ocorre no grupo, por exemplo, um novo comentário, uma nova postagem, os participantes são notificados.

Durante a pandemia de Covid-19, vimos como o uso de mídias sociais foram importantes no ensino e aprendizagem, como uma alternativa ao ensino presencial, apoiando uma aprendizagem ativa entre os estudantes (GREENHOW; CHAPMAN 2020). Acerca deste uso, nota-se que os grupos podem ser utilizados associados a outras estratégias, como a sala de aula invertida, como feito no estudo de Özyurt e Özyurt (2018) e de Tosun (2018). Na sala de aula invertida, o aprendizado ocorre tanto em sala de aula, quanto no domicílio dos indivíduos, onde os alunos consomem conteúdo em casa e levam para a sala de aula dúvidas, questões, ideias sobre o conteúdo estudado. Outro exemplo de integração com uma metodologia ativa, foi o estudo desenvolvido por Abdulla, Neo e Low (2022), onde os autores

utilizaram a aprendizagem baseada em problemas, com estudantes de gestão, utilizando o grupo do *Facebook* como plataforma para a promoção de discussões em torno de situações-problema entre os alunos.

É importante frisar que os grupos também podem ser utilizados como instrumento de avaliação, por exemplo, por meio da participação ativa dos alunos. Portanto, é elementar deixar claro como será a dinâmica de uso dos grupos. Neste eixo, os moderadores podem estabelecer critérios, como para fins de pontuação, cada aluno deve fazer pelo menos dois comentários; ou ainda, os alunos deverão compartilhar pelo menos dois materiais complementares ao tema, etc. Sondar as respostas, buscando aprofundamentos, maiores detalhes, fornecer um *feedback* individualizado para cada aluno, também é algo recomendado.

4.2 Grupos do *Facebook* – Promovendo Um Espaço Virtual de Interação

Espaços de interação. Está é uma característica fundamental dos grupos do *Facebook* aplicados à educação. Os grupos são espaços atraentes, interativos e motivadores para o desenvolvimento do diálogo entre os participantes, sejam eles alunos e/ou professores (FIOCK, 2020). Os grupos do *Facebook* acabam por ser um espaço único para discussões e reflexões, especialmente por oferecer diversas ferramentas que podem ser empregadas na argumentação, como o uso de recursos externos entre vídeos, imagens, documentos.

Os grupos do *Facebook* promovem a interação via web entre os alunos fora da sala de aula, ou seja, há flexibilidade para interagir sem ter as restrições de tempo e espaço da sala de aula. Isso reforça a aprendizagem autônoma, pois os alunos tiveram liberdade para participar do grupo do *Facebook* de forma síncrona e assíncrona durante o processo de ensino-aprendizagem (MARTÍNEZ LIROLA, 2022).

Como demonstrado por vários estudos (ÖZYURT; ÖZYURT, 2018; LIROLA, 2022; CRUCES; BRICEÑO; MORENO, 2019) os grupos do *Facebook* apresentam-se como espaços singulares para discussões cooperativas sobre temas, por exemplo ampliando e aprofundando discussões e também como forma de resolução de problemas de forma colaborativa. Um exemplo disso, observado no estudo de Cruces, Briceño e Moreno (2019), com estudantes chilenos de

Odontologia, onde estes foram desafiados a analisarem casos clínicos de forma coletiva. Os autores notaram que o compartilhamento de recursos e conhecimentos, fez com que as análises fossem exitosas entre os participantes. O impacto dos grupos do *Facebook* na melhoria da comunicação, foram notados no estudo de Al Ahmad e Obeidallah, (2019), onde 90,20% dos alunos concordaram que o grupo no *Facebook* contribuiu bastante para a comunicação com os outros colegas e com o instrutor.

A criação de um senso de comunidade é fundamental, pois quando este é criado, os alunos se sentem mais estimulados a aprender mais sobre o assunto por meio do *Facebook* e, a interação também é melhorada (AWIDI; PAYNTER; VUJOSEVIC, 2019). No caso do *Facebook*, é elementar, como defendido por Dougherty e Andercheck (2014) criar um senso de pertencimento e envolver os alunos nas atividades de aprendizado, potencializando o capital social.

Neste aspecto, destaca-se o papel do professor-mediador. Os instrutores devem atuar como facilitadores das discussões entre os alunos, no intuito de promover o aprendizado ativo e estimular as discussões (AL QUNAYEER, 2020). O professor precisa ter uma participação bem ativa nos grupos, de modo a auxiliar os estudantes no uso de ferramentas, ofertar *feedback* positivo e encorajar a participação (MEOUPPHAKARN; NEANCHALEAY; CHUATHONG, 2022), gerando entre outras coisas, o engajamento que é considerado um preditor importante para determinar o sucesso dos alunos nas atividades acadêmicas (BADGE *et al.*, 2012).

Há também que se considerar que o empenho entre os alunos participantes é diferente, por isso, alunos com perfil mais procrastinadores, tenderão a interagir menos em grupos (WU, 2021). Segundo Datko (2021), a participação dos alunos nos grupos é influenciada entre outras coisas, por recompensas, esforço, ambiente de estudo e carga de trabalho. Além disso, tarefas colaborativas são mais atraentes.

4.3 Grupos do *Facebook* – Potencializando o Processo de Ensino e Aprendizagem

Ao se indagar o porquê de utilizar grupos do *Facebook* junto ao público de nível superior, um dos fatores decisivos para isso são os ganhos na aprendizagem.

De fato, como demonstrando em diversos estudos da amostra, é possível melhorar o desempenho dos alunos, utilizando este recurso.

Já é bem documentado na literatura, que o uso de mídias sociais tem sido aplicado no ensino superior com êxito. Como notado no estudo de Salih *et al.* (2022), com 181 estudantes de medicina na Arábia Saudita revelou que a maioria dos alunos (67,9%) indicaram que as mídias sociais melhoram as atividades de aprendizagem, 65,2% são interessados em usar as mídias sociais em seu aprendizado. Num estudo com 723 estudantes de universidades da Malásia, Al-Rahmi *et al.* (2018) notaram que estes estudantes se sentiam muito satisfeitos com o uso de mídias sociais para aprendizagem, afetando positivamente o desempenho destes. Resultados similares foram obtidos por Stathopoulou, Siamagka e Christodoulides (2019).

Como revelado no estudo de Valova e Marinov (2019), 94% dos participantes indicaram que o interesse e motivação pelo conteúdo aumentam após o uso dos grupos do *Facebook*. No estudo de Bastida-Escamilla (2022), os alunos usaram o tempo livre para assistir a vídeos, ler artigos e discutir tópicos com seus colegas de classe e o professor no grupo do *Facebook*. A autoeficácia, que é caracterizada como a capacidade do indivíduo se organizar para atingir meta, é vista por exemplo, no estudo de Cruces, Briceño e Moreno (2019), onde os estudantes destacaram que a participação em fóruns de discussão, lhes incentivava a realizar uma leitura prévia para responder as questões colocadas para debate. E, como defendido por Alberth (2019), por conta de ser uma ferramenta que motiva o estudante, o grupo do *Facebook* colabora para a autoeficácia do aluno.

Os alunos, por exemplo, podem diante de determinadas problemáticas lançadas no grupo, compartilhar suas soluções para problemas apresentados, como feito no estudo de Tinmaz e Lee (2021). Sobre o uso para promover discussões, o estudo de Jones, Gadallah e Lazem (2019) demonstrou que por meio de recursos como notícias, vídeos e questões bem estruturadas, é possível promover debates ricos, motivando os alunos a desenvolverem suas ideias de forma profunda. No caso de atividades, os comentários dos pares são de grande valia para a melhor entrega do produto final, como observado no estudo de Ekahitanond *et al.* (2018).

Neste contexto, especialmente das interações acerca de conteúdos, o *feedback* é muito importante, pois há uma expectativa dos alunos em torno de correções e apontamentos de docentes, a fim de melhorar a aprendizagem e obter êxito nas avaliações (CRUCES; BRICEÑO; MORENO, 2019). É claro que, ser mediador de um grupo do *Facebook* exige certa prontidão dos professores, por conta da necessidade de responder de forma rápida às questões, no intuito de evitar confusões que possam restringir o aprendizado (SEXTON, 2019). Por isso, para que de fato, o conhecimento seja construído e potencializado com esta ferramenta, a dedicação discente e docente, a participação, são fundamentais.

4.4 Grupos do *Facebook* – Alguns Cuidados no Uso para Fins Educacionais

É evidente que para implementar os grupos, é preciso tomar alguns cuidados. Algo primordial, é que os grupos sejam fechados e secretos, isto é, que estes sejam de acesso exclusivo dos participantes que foram convidados, para evitar que atores estranhos ao processo participem, reforçando a sensação de segurança e privacidade e diminuir a interferência na vida pessoal (DATKO, 2021).

Outro cuidado fundamental é atentar que nem todos os alunos possuem contas na plataforma *Facebook*, além disso, nem todos querem possuir. De fato, como observado por Tinmaz e Lee (2021), é um desafio a parte convencer alguns alunos a se inscreverem na plataforma, ainda mais pelo caráter público que uma conta criada possui. Além disso, como apontado por Čičević; Samčović e Nešić (2016) há diferenças geracionais no que se refere ao uso do *Facebook*, por isso, quando da sua aplicação, isso deve ser considerado, pois gerações mais recentes tendem a ter um maior uso desta rede social. No entanto, isso pode ser superado, por exemplo, usando contas de terceiros ou criando perfis/contas fictícias.

Também é necessário lembrar que são necessários alguns recursos básicos para utilizar os grupos do *Facebook*, como o bom acesso à *Internet*, que ainda é um problema para muitos lares, além de problemas para se concentrar ou ainda a falta de apoio da família, o que foi especialmente notado durante a pandemia de Covid-19 (GHERMAOUI, 2018; ULLA; PERALES, 2021).

Outro ponto que merece atenção são as condições impostas aos participantes, pois como notado no estudo de Tinmaz e Lee (2021), muitas regras

e limitações acabam por limitar a dinâmica social do grupo e a própria liberdade dos participantes. As regras são importantes, até mesmo para os participantes não misturarem os conteúdos do grupo, com outros de natureza diversa, como política, religião ou sexualidade. Vale ressaltar que, não deve ser feito um controle muito rígido das participações dos alunos, pois mesmo que as contribuições não se mostrem diretas para as tarefas, elas servem para o estabelecimento de laços e vínculos dos aprendizes, o que nutre a formação de uma comunidade de aprendizagem on-line (AL QUNAYEER, 2020).

Outro ponto a ser considerado, são as distrações que existem ao se utilizar o *Facebook*, que vão desde adentrar em páginas diversas ou mesmo se distrair com propagandas e anúncios, como observado por Tosun (2018), Peñalba *et al.*, 2020 e Datko (2021). Ao pensar sobre o uso de grupos, é importante ponderar sobre o número de participantes. Como visto no estudo de Valova e Marinov (2019), grupos numerosos (no caso do estudo, com 50 a 60 alunos) podem apresentar algumas limitações, pois podem exigir mais dos instrutores, para dar *feedback*, por exemplo, e também pode ocorrer das discussões ficarem centradas em alguns participantes, por isso, é preciso considerar este aspecto. Por outro lado, ter vários grupos menores, também pode dificultar o gerenciamento destes.

Como destacado por Hoi (2021), uma das principais atitudes que prejudicam os grupos do *Facebook* e sua proposta de uso para na educação é a falta de interações, tanto entre alunos, como entre aluno e professor. Neste sentido, é primordial que se desenvolva a autoeficácia do compartilhamento de conhecimento, por isso, professores devem auxiliar os alunos, cultivando a importância do compartilhamento. Neste sentido, Hoi (2021) argumenta que também é preciso que os alunos sejam estimulados e instruídos sobre como pesquisar, identificar e avaliar fontes de informação, pois isso fortalece a autoeficácia dos mesmos.

O uso futuro e a implementação efetiva dessas tecnologias dependem em grande parte das intenções positivas dos professores, que são amplamente moldadas por suas experiências reais com essas tecnologias (SADAF; NEWBY; ERTMER, 2016). Como argumentado por Ulla e Perales (2021), para lidar com as demandas do "novo normal" na educação atualmente, especialmente no período pós-pandemia, os professores devem atualizar suas habilidades e conhecimento

sobre o uso de várias ferramentas de tecnologia da informação e comunicação no ensino, pois integrar a tecnologia em sala de aula, não é mais apenas uma opção. Desta forma, é fundamental a formação continuada e atualização por parte dos docentes, no uso de tais recursos, de modo não apenas a estimular o uso, mas que este uso seja feito de forma a obter bons resultados.

O uso de mídias sociais na educação superior, apesar de ser promissor com impactos consideráveis nos processos de aprendizagem (suporte, processos educacionais, aprimoramento da comunicação e colaboração, desempenho acadêmico), tanto professores como instituições ainda utilizam estes recursos de modo muito pontual em suas atividades (ZACHOS; PARASKEVOPOULOU-KOLLIA; ANAGNOSTOPOULOS, 2018).

Mídias sociais são uma ferramenta inovadora, pois facilitam a disseminação de informação e permitem a construção de canais de comunicação, melhorando a interação e estimulando a colaboração (SALAS-RUEDA; SALAS-RUEDA, 2019). Mas, no meio acadêmico, ainda há um uso muito restrito destas. Conforme identifica na revisão feita por Chugh, Grose e Macht (2021), além de muitos acadêmicos não possuírem mídias sociais, quando as possuem tendem a utilizá-las para divulgação de pesquisas e para fins pessoais, mas poucos as utilizam para ensinar, por conta da falta de consciência, habilidade e confiança em utilizar tais recursos. Este aspecto foi notado no estudo de Connoll, Willis e Lloyd (2019), onde os professores revelaram pouco conhecimento sobre o uso do *Facebook*. O público universitário de nível de graduação, é um público predominantemente jovem, que já faz um grande uso de mídias sociais no seu cotidiano. Segundo Maz, Pérez e Mateus (2021), num estudo com 897 estudantes universitários espanhóis, na opinião destes ainda é baixo o uso de mídias sociais para fins educativos e criativos.

Pensando numa perspectiva das metodologias ativas, os grupos do *Facebook* oportunizam a possibilidade de um maior protagonismo dos estudantes, na geração de conteúdo e no envolvimento ativo em busca de conhecimento. Isso reflete uma importante mudança na visão tradicional do professor como o centro do processo de ensino, como o provedor do conhecimento e o transporta para o papel de articulador, mediador, catalisador da aprendizagem, auxiliando os alunos a aprenderem uns com os outros (CONNOLL; WILLIS; LLOYD, 2019). Uma máxima quando se utiliza os grupos do *Facebook* para a educação superior, é que estes

possibilitam efeitos positivos na aprendizagem, desde que as atividades sejam integradas de forma construtiva e com um moderador do grupo (NAZIR; BROUWER, 2019).

Pelos resultados apresentados, nota-se que estes grupos possuem um grande potencial pedagógico, mas os educadores devem usar esse potencial projetando atividades e práticas de aprendizagem atraentes. Segundo Hoi (2021), os grupos do *Facebook* fornecem um recurso pedagógico único, para além das aulas presenciais, que é o desenvolvimento do comportamento de compartilhamento de conhecimento, o que leva a um maior engajamento cognitivo. Neste sentido, no Quadro 4 são apresentados alguns aspectos-chave para o emprego dos grupos do *Facebook* junto ao público do ensino superior.

Quadro 4 – Sugestões e Cuidados no Uso de Grupos do *Facebook* na Educação Superior

Aspectos-chave	Descrição
Condições Gerais	Os participantes devem possuir conta na plataforma <i>Facebook</i> e conhecer as ferramentas e como utilizar os recursos disponíveis na plataforma do <i>Facebook</i> e especialmente nos grupos. A definição do número de participantes é igualmente importante, para que não ocorra sobrecarga sobre os moderadores e também para que as discussões sejam mais produtivas. Compreender o perfil dos participantes, considerando as diferenças geracionais, também é recomendado.
Finalidade	Ao se utilizar os grupos, os instrutores devem considerar o que é possível de ser desenvolvido nos grupos, assim, pensar sobre atividades, formas de criar o engajamento e motivar os participantes, não podem ser deixadas de lado.
Fórum	No caso do uso dos grupos para discussão, é importante que o debate seja estimulado, neste sentido, os professores podem e devem atuar como catalisadores das discussões. Também podem ser implementados mecanismos para incentivar o debate, como pontuação, premiações.
Compartilhamento de Materiais	Os grupos são um espaço único para armazenamento e compartilhamento de diferentes formatos de recursos, de vídeos a documentos, vindos das mais diversas fontes. Isso deve ser incentivado, mas os alunos também precisam ser instruídos sobre como pesquisar e avaliar a credibilidade das fontes.
Integração com outras Ferramentas	Os grupos do <i>Facebook</i> podem ser parte de uma estratégia metodológica mais ampla, envolvendo métodos ativos, como a aprendizagem baseada em problemas, a sala de aula invertida, entre outros. Neste sentido e, tendo em vista as possibilidades oferecidas pelos grupos, é fundamental que o uso seja feito de forma integrada ao método proposto.
Regras	Os participantes do grupo devem ser a clareza da finalidade do grupo, de modo a não destoar suas participações, do tema e do objetivo do grupo. Além disso, saber como se comportar nestes espaços, também é relevante deixar claro para os envolvidos as regras de participação, inclusive com a definição das punições aplicáveis em caso de descumprimento de regras. Lembrando que, as regras não podem desmotivar a participação, apenas auxiliar na organização do grupo.

Moderação	Os instrutores/professores devem atuar de forma efetiva na organização do grupo e como articuladores das interações, ofertando <i>feedbacks</i> , moderando as discussões, monitorando a evolução dos debates.
------------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Como visto durante a pandemia de Covid-19, as mídias sociais foram ferramentas importantes para a continuidade dos estudos entre muitos estudantes universitários (GHOSH; KHATUN; KHANAM, 2023). Vale destacar que, os grupos do *Facebook* vêm perdendo espaço para outras mídias, como os grupos de *Whatsapp*, que também são recursos que tem se apresentado como uma boa ferramenta de aprendizagem colaborativa no ensino superior (LEE; CHERN; AZMIR, 2023). Outro exemplo, é o uso de plataformas como o Classrrom e Trello, que ganharam impulso durante a pandemia de Covid-19. Assim, diante do “novo normal” da educação superior, é preciso que instituições e docentes, se abram para as possibilidades oferecidas por mídias sociais, como o *Facebook*, pois mesmo esta plataforma perdendo espaço, outras com recursos também bons e com grande aceitabilidade pelo público, passaram a ser utilizadas, como estamos acompanhando atualmente com os grupos de *Whatsapp*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se evidente que as universidades e os professores devem buscar novas formas de promover a aprendizagem do estudante. As mídias sociais como o *Facebook* oferecem novas oportunidades para explorar novos ambientes e utilizar a tecnologia em favor da educação. Os grupos do *Facebook* são um espaço único para explorar uma série de recursos e manter os estudantes e contato com os conteúdos para além do ambiente de sala. Tal recurso possui um papel fundamental nas trocas de conteúdos e interação entre alunos e professores.

Dentre os principais achados, destacam-se: as diferentes estratégias e uso de grupos do Facebook no processo de ensino-aprendizagem na educação superior; As principais contribuições sobre o uso de grupos do *Facebook* no processo de ensino-aprendizagem são o engajamento, o aumento da interação e a melhoria no processo de aprendizagem; os resultados permitiram elaborar um conjunto de sugestões e cuidados sobre o uso de grupos do Facebook no processo de ensino-aprendizagem, que podem ser considerados por professores que

desejam utilizar esse recurso. Além disso, os resultados possibilitam a realização de futuras pesquisas nessa temática.

Considerando as evidências empíricas coletadas nessa revisão, trabalhar com grupos do *Facebook* como um instrumento complementar ao ensino presencial em sala de aula é um recurso poderoso para construir um espaço adicional para suporte ao estudante, caracterizado por ricas interações e trocas de recursos digitais diversos, favorecendo o aprendizado como um todo. Conforme discutido na Seção 4, são diversos os estudos demonstrando vantagens com a adoção dos grupos do Facebook. Vale ressaltar que, mesmo com a queda na utilização nos últimos anos, estes grupos ainda continuam sendo utilizados em diferentes contextos.

Para que os grupos que funcionem de forma interativa, precisam que exista o papel do moderador, que haja organização do conteúdo e dos *feedbacks*, assim como os diferentes recursos, como comentários, postagens de materiais e reações. Desta forma, considerando as possibilidades de usos dos grupos e com a adoção de uma boa estratégia metodológica e pedagógica, é possível fazer o uso destes com bons resultados.

A partir dos achados preliminares, fica evidente que não podemos negligenciar as possibilidades dos grupos do *Facebook* para o uso no processo de ensino e aprendizagem no ensino superior. Importante frisar que, atualmente, especialmente com o advento de grupos de *Whatsapp*, os grupos do *Facebook* ganharam uma forte concorrência, tendo em vista as similaridades dos recursos.

É importante pontuar que o presente estudo possui algumas limitações. Primeiro, este estudo refere-se aos resultados baseados em informações providas nos artigos publicados somente entre 2018 a 2022. Além disso, a amostra foi restrita a duas bases e a estudos no formato de artigos científicos. Assim, há uma literatura que não foi contemplada nas análises. O estudo, pode ser atualizado ou replicado ao longo do tempo, permitindo evoluir a discussão sobre a temática investigada.

REFERÊNCIAS

ABDULLAH, Aznur Hajar; NEO, Tse Kian; LOW, Jing Hong. Students' Experience of Empowerment from Multiple Scaffolders in PBL on Facebook. **Pertanika Journal of Social Sciences & Humanities**, v. 30, n. 3, 2022.

ABDULLAH, Aznur Hajar; NEO, Tse Kian; LOW, Jing Hong. Students' Experience of Empowerment from Multiple Scaffolders in PBL on Facebook. **Pertanika Journal of Social Sciences & Humanities**, v. 30, n. 3, 2022.

AHERN, L.; FELLER, J.; NAGLE, T. Social media as a support for learning in universities: an empirical study of Facebook Groups. **Journal of Decision systems**, v. 25, n. sup1, p. 35-49, 2016.

AL AHMAD, Ayat; OBEIDALLAH, Randa. The impact of social networks on students' academic achievement in practical programming labs. **International journal of advanced computer science and applications**, v. 10, n. 11, 2019.

AL QUNAYEER, Huda Suleiman. Exploring EFL learners' online participation in online peer writing discussions through a Facebook group. **Journal of Information Technology Education: Research**, v. 19, p. 671-692, 2020.

ALBERTH. Use of Facebook, students' intrinsic motivation to study writing, writing self-efficacy and writing performance. **Technology, Pedagogy and Education**, v. 28, n. 1, p. 21-36, 2019.

AL-DHELEAI, Yahya M.; TASIR, Zaidatun; JUMAAT, Nurul Farhana. Depicting students' social presence on social networking site in course-related interaction. **SAGE Open**, v. 10, n. 1, p. 2158244019899094, 2020.

ALDIAB, Abdulaziz *et al.* Utilization of Learning Management Systems (LMSs) in higher education system: A case review for Saudi Arabia. **Energy Procedia**, v. 160, p. 731-737, 2019.

ALKHOUDARY, Yahya AM. Utilizing Facebook in EFL writing classrooms in Oman. **International Journal of Computing and Digital Systems**, v. 7, n. 04, p. 225-232, 2018.

ALMANSOUR, Elaf; KURT, Mustafa. Critical Thinking for Writing Using Facebook Under COVID-19 Lockdown: A Course Model for English Literature Students. **Frontiers in Psychology**, v. 13, 2022.

AL-RAHMI, Waleed Mugahed *et al.* A model of factors affecting learning performance through the use of social media in Malaysian higher education. **Computers & Education**, v. 121, p. 59-72, 2018.

ALTUNKAYA, Hatice; TOPUZKANAMIS, Ersoy. The Effect of Using Facebook in Writing Education on Writing Achievement, Attitude, Anxiety and Self-Efficacy

Perception. **Universal Journal of Educational Research**, v. 6, n. 10, p. 2133-2142, 2018.

ARKSEY, Hilary; O'MALLEY, Lisa. Scoping studies: towards a methodological framework. **International journal of social research methodology**, v. 8, n. 1, p. 19-32, 2005.

AWIDI, Isaiah T.; PAYNTER, Mark; VUJOSEVIC, Tijana. Facebook group in the learning design of a higher education course: An analysis of factors influencing positive learning experience for students. **Computers & Education**, v. 129, p. 106-121, 2019.

AYDIN, Selami. A review of research on Facebook as an educational environment. **Educational Technology research and development**, v. 60, p. 1093-1106, 2012.

BADGE, Joanne L.; SAUNDERS, Neil FW; CANN, Alan J. Beyond marks: new tools to visualise student engagement via social networks. **Research in Learning Technology**, v. 20, 2012.

BAILEY, Daniel R.; JUDD, Christopher. The effects of online collaborative writing and TOEIC writing test-preparation on L2 writing performance. **Journal of Asia TEFL**, v. 15, n. 2, p. 383, 2018.

BARAN, Bahar. Facebook as a formal instructional environment. **British Journal of Educational Technology**, v. 41, n. 6, p. E146-E149, 2010.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições, v. 70, p. 225, 1977.

BASTIDA-ESCAMILLA, Eduardo *et al.* Bridging theory and practice using Facebook: A case study. **Education Sciences**, v. 12, n. 5, p. 355, 2022.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências sociais e humanas, Londrina**, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011.

BOOTH, A.; PAPAIOANNOU, D.; SUTTON, A. **Systematic approaches to a successful literature review**. Los Angeles: Sage, 2012.

CAMPOS, A. Os conflitos na construção de inteligência coletiva no espaço virtual: auto-organização, relações hierárquicas e as tensões na Wikipédia1. **Contemporânea**, v. 7, n. 1, p. 104-118, 2009.

CAVAIGNAC, Selma. Uso do Kahoot e de Estratégia de Gamificação no Ensino Superior: relato de experiência da aplicação do peer instruction como metodologia de ensino. **PontodeAcesso**, v. 13, n. 3, p. 224-238, 2019.

CHAGAS, Alexandre Meneses; LINHARES, Ronaldo Nunes. **As interfaces de interação para uma aprendizagem colaborativa no Facebook**. In.: PORTO, C.,

and SANTOS, E., orgs. *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 293-312.

CHEN, Guo; XIAO, Lu. Selecting publication keywords for domain analysis in bibliometrics: A comparison of three methods. **Journal of Informetrics**, v. 10, n. 1, p. 212-223, 2016.

CHUGH, Ritesh; GROSE, Robert; MACHT, Stephanie A. Social media usage by higher education academics: A scoping review of the literature. **Education and Information Technologies**, v. 26, p. 983-999, 2021.

CHUGH, Ritesh; RUHI, Umar. Social media in higher education: A literature review of Facebook. **Education and Information Technologies**, v. 23, p. 605-616, 2018.

ČIČEVIĆ, Svetlana; SAMČOVIĆ, Andreja; NEŠIĆ, Milkica. Exploring college students' generational differences in Facebook usage. **Computers in Human Behavior**, v. 56, p. 83-92, 2016.

CONNOLLY, Toni; WILLIS, Jill; LLOYD, Margaret. Evaluating teacher and learner readiness to use Facebook in an Australian vocational setting. **Studies in Continuing Education**, v. 41, n. 1, p. 61-75, 2019.

CRUCES, Debbie Jeinnisse Álvarez; BRICEÑO, Maite Otondo; MORENO, Alejandra del Pilar Medina. Análisis de caso clínico mediante foro virtual por Facebook para favorecer la transferencia de aprendizajes. **Educación Médica Superior**, v. 33, n. 2, 2019.

DALSGAARD, C. Students' educational use of Facebook groups. **Educational Media International**, v. 53, n. 4, p. 261-273, 2016

DASHTESTANI, Reza et al. Collaborative academic projects on social network sites to socialize EAP students into academic communities of practice. **Teaching English with Technology**, v. 18, n. 2, p. 3-20, 2018.

DATKO, Juraj. Outcomes of homework on Facebook: A case study from an English for academic purposes course. **International Journal of Information and Education Technology**, v. 11, n. 7, p. 324-331, 2021.

DAUDT, Helena ML; VAN MOSSEL, Catherine; SCOTT, Samantha J. Enhancing the scoping study methodology: a large, inter-professional team's experience with Arksey and O'Malley's framework. **BMC medical research methodology**, v. 13, n. 1, p. 1-9, 2013.

DAVIDOVITCH, Nitza; BELICHENKO, Margarita. Using Facebook in Higher Education: Exploring Effects on Social Climate, Achievements, and Satisfaction. **International Journal of Higher Education**, v. 7, n. 1, p. 51-58, 2018.

DAVIS, Kathy; DREY, Nick; GOULD, Dinah. What are scoping studies? A review of the nursing literature. **International journal of nursing studies**, v. 46, n. 10, p. 1386-1400, 2009.

DIAS, C. *et al.* As mídias sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. **Linguagem em (Dis) curso**, 2011.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017.

DOUGHERTY, Kevin D.; ANDERCHECK, Brita. Using Facebook to engage learners in a large introductory course. **Teaching Sociology**, v. 42, n. 2, p. 95-104, 2014.

EKAHITANOND, Visara *et al.* The impact of feedback in Facebook on students' language proficiency. **TEM Journal**, v. 7, n. 3, p. 686-692, 2018.

ELLISON, N. B.; STEINFELD, C.; LAMPE, C. The benefits of Facebook "friends:" Social capital and college students' use of online social network sites. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 12, n. 4, p. 1143-1168, 2007.

ESTEVES, Larissa Sapucaia Ferreira *et al.* Supervised internship in undergraduate education in nursing: integrative review. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 1740-1750, 2018.

FACEBOOK. **Hicks M Facebook Tips**: What's the difference between a Facebook Page and Group? Facebook Tips Blog, 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/facebook/facebook-tips-whats-the-difference-between-a-facebook-page-and-group/324706977130>. Acesso em: 23 fev. 2023.

FERNÁNDEZ, Isabel María Solano; TUDELA, Pedro Antonio García; VERA, María del Mar Sánchez. Uso do Facebook en Educación Superior: análisis de la relación entre participación y calificaciones. **Digital Education Review**, n. 40, p. 1-16, 2021.

FERRARINI, Rosilei; SAHEB, Daniele; TORRES, Patricia Lupion. Metodologias ativas e tecnologias digitais: aproximações e distinções. **Revista Educação em Questão**, v. 57, n. 52, 2019.

FLOCK, Holly. Designing a community of inquiry in online courses. **The International Review of Research in Open and Distributed Learning**, v. 21, n. 1, p. 135-153, 2020.

FRANCO, A. H. C. **Inteligência coletiva**: manifestações nos ambientes digitais – Marília, 2018. 139 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Anca/MST, 2004. 143 p.

GAGE-BOUCHARD, E. A. *et al.* Is cancer information exchanged on social media scientifically accurate? **Journal of Cancer Education**, v. 33, n. 6, p. 1328-1332, 2018.

GHERMAOUI, Amel. University Students Academic Usage of Facebook. Case Study: Licence 2 English Students, Mostaganem University. **Arab World English Journal (AWEJ)** Volume, v. 9, 2018.

GHOSH, Ratan; KHATUN, Asia; KHANAM, Zobaida. The relationship between social media based teaching and academic performance during COVID-19. **Quality Assurance in Education**, v. 31, n. 1, p. 181-196, 2023.

GIANNIKAS, Christina. Facebook in tertiary education: The impact of social media in e-Learning. **Journal of university teaching & learning practice**, v. 17, n. 1, p. 3, 2020.

GREENHOW, Christine; CHAPMAN, Amy. Social distancing meet social media: digital tools for connecting students, teachers, and citizens in an emergency. **Information and Learning Sciences**, v. 121, n. 5/6, p. 341-352, 2020.

HENRY, David S. *et al.* Using a Facebook group to facilitate faculty-student interactions during preclinical medical education: a retrospective survey analysis. **BMC medical education**, v. 20, n. 1, p. 1-10, 2020.

HOI, Vo Ngoc. Augmenting student engagement through the use of social media: The role of knowledge sharing behaviour and knowledge sharing self-efficacy. **Interactive Learning Environments**, p. 1-13, 2021.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JONES, Bronwen; GADALLAH, Yasser; LAZEM, Shaimaa. Facebook debate: facilitating international, intercultural knowledge exchange and collaboration in the field of international intellectual property law. **The Law Teacher**, v. 53, n. 3, p. 279-297, 2019.

KASUMA, Shaidatul Akma Adi; AI LIN TAN, Debbita. ESL Reading Activities on Facebook among Malaysian University Students. **Pertanika Journal of Social Sciences & Humanities**, v. 27, n. 1, 2019.

KINCAID, J. **Facebook activates “like” button; FriendFeed tires of sincere flattery**. **TechCrunch**. 2009. Disponível em: <https://techcrunch.com/2009/02/09/facebook-activates-like-button-friendfeed-tires-of-sincere-flattery/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

LABEGALINI, Célia Maria Gomes et al. Educational action research on Facebook®: combining leisure and learning. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, 2017.

LACERDA, Flávia Cristina Barbosa; SANTOS, Letícia Machado dos. Integralidade na formação do ensino superior: metodologias ativas de aprendizagem. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 23, n. 3, p. 611-627, 2018.

LASSERSON, T. K.; THOMAS, J. HIGGINS, J. P. T. Starting a review. In: HIGGINS, J. P. T. et al. (ed.) **Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions**. 2nd ed. Chichester: John Wiley & Sons, 2019. p. 3-12.

LEE, Cheng Ean; CHERN, Huei Huei; AZMIR, Dzafran Adris. WhatsApp Use in a Higher Education Learning Environment: Perspective of Students of a Malaysian Private University on Academic Performance and Team Effectiveness. **Education Sciences**, v. 13, n. 3, p. 244, 2023.

LEVAC, Danielle; COLQUHOUN, Heather; O'BRIEN, Kelly K. Scoping studies: advancing the methodology. **Implementation science**, v. 5, n. 1, p. 1-9, 2010.

LÉVY, Pierre. Trad. COSTA, Carlos Irineu da. **Cibercultura**. 1ª. ed. São Paulo, v. 34, p. 264, 1999.

_____. **Que é o Virtual?**, O. Editora 34, 2003.

LI, Shiqan *et al.* Feasibility of a critical care ultrasound curriculum delivered through Facebook. **Cureus**, v. 11, n. 12, 2019.

LIROLA, María Martínez. Approaching the Use of Facebook to Improve Academic Writing and to Acquire Social Competences in English in Higher Education. **Contemporary Educational Technology**, v. 14, n. 1, 2022.

LOPES, L. C. J. A. **A Web como ferramenta para a construção da Inteligência Coletiva**. 2012. Dissertação de Mestrado em Informação, Comunicação e Novos Media apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 84 f.

LOVATO, Fabricio Luís; MICHELOTTI, Angela; DA SILVA LORETO, Elgion Lucio. Metodologias ativas de aprendizagem: uma breve revisão. **Acta Scientiae**, v. 20, n. 2, 2018.

LOYOLA, Cecilia Molina *et al.* Facebook como herramienta de comunicación en procesos educativos. **Signo y Pensamiento**, v. 39, n. 76, 2020.

MALONE, T. W.; KLEIN, M. Harnessing collective intelligence to address global climate change. **Innovations: Technology, Governance, Globalization**, v. 2, n. 3, p. 15-26, 2007.

MANCA, Stefania; RANIERI, Maria. Is Facebook still a suitable technology-enhanced learning environment? An updated critical review of the literature from 2012 to 2015. **Journal of computer assisted learning**, v. 32, n. 6, p. 503-528, 2016.

MARTÍNEZ LIROLA, María. Approaching the Use of Facebook to Improve Academic Writing and to Acquire Social Competences in English in Higher Education. **Contemporary Educational Technology**, v. 14, n. 1, 2022.

MAYS, Nicholas; POPE, Catherine; POPAY, Jennie. Systematically reviewing qualitative and quantitative evidence to inform management and policy-making in the health field. **Journal of health services research & policy**, v. 10, n. 1_suppl, p. 6-20, 2005.

MAZ, Mònica Figueras; PÉREZ, María del Mar Grandio; MATEUS, Julio César. Students' perceptions on social media teaching tools in higher education settings. **Communication & Society**. 2021; **34 (1): 15-28**, 2021.

MAZMAN, S. G.; KOÇAK-USLU, Y. Modeling educational usage of Facebook. **Computers & Education**, 55 (2), 444-453. 2010.

MEOUPPHAKARN, Apiwat; NEANCHALEAY, Jariya; CHUATHONG, Saranya. A framework to promote creative ideation using ICTs. **International Journal of Innovation and Learning**, v. 31, n. 1, p. 23-50, 2022.

MIRANDA, L.; DIAS, P. **Ambientes de comunicação síncrona na web como recurso de apoio à aprendizagem de alunos do ensino superior**. 2003.

MOGHAVVEMI, Sedigheh *et al.* The impact of perceived enjoyment, perceived reciprocal benefits and knowledge power on students' knowledge sharing through Facebook. **The International Journal of Management Education**, v. 15, n. 1, p. 1-12, 2017.

MOORE-RUSSO, D. *et al.* Content in context: analyzing interactions in a graduate-level academic Facebook group. **International Journal of Educational Technology in Higher Education**, v. 14, n. 1, p. 19, 2017.

MOORTHY, Krishna *et al.* Is facebook useful for learning? A study in private universities in Malaysia. **Computers & Education**, v. 130, p. 94-104, 2019.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. **Coleção mídias contemporâneas. Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**, v. 2, n. 1, p. 15-33, 2015.

MORETTO, I. M.; DAMETTO, Jarbas. Desafios educacionais da era digital: adversidades e possibilidades do uso da tecnologia na prática docente. **Perspectiva**, v.42 n.160, 2018.

MOTA, Ana Rita; ROSA, Cleci Teresinha Werner da. Ensaio sobre metodologias ativas: reflexões e propostas. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 25, n. 2, p. 261-276, 2018.

MUNINGER, Marie-Isabelle; HAMMEDI, Wafa; MAHR, Dominik. The value of social media for innovation: A capability perspective. **Journal of Business Research**, v. 95, p. 116-127, 2019.

NAGUIB, Ghada Hussein *et al.* Innovative integration of Facebook groups in biomaterials course: perception of dental students. **Acta Informatica Medica**, v. 26, n. 4, p. 269, 2018.

NAZIR, Masood; BROUWER, Natasa. Community of inquiry on Facebook in a formal learning setting in higher education. **Education Sciences**, v. 9, n. 1, p. 10, 2019.

NGUYEN, N. P.; YAN, G.; THAI, M. T. Analysis of misinformation containment in online social networks. **Computer Networks**, v. 57, n. 10, p. 2133-2146, 2013.

O'BRIEN, Kelly *et al.* Scoping the field: identifying key research priorities in HIV and rehabilitation. **AIDS and Behavior**, v. 14, n. 2, p. 448-458, 2010.

O'FLAHERTY, Jacqueline; PHILLIPS, Craig. The use of flipped classrooms in higher education: A scoping review. **The internet and higher education**, v. 25, p. 85-95, 2015.

OH, H. J. *et al.* Facebooking for health: An examination into the solicitation and effects of health-related social support on social networking sites. **Computers in human behavior**, v. 29, n. 5, p. 2072-2080, 2013.

ÖZYURT, Hacer; ÖZYURT, Özcan. Analyzing the effects of adapted flipped classroom approach on computer programming success, attitude toward programming, and programming self-efficacy. **Computer Applications in Engineering Education**, v. 26, n. 6, p. 2036-2046, 2018.

PAIVA, Marlla Rúbya Ferreira *et al.* Metodologias ativas de ensino-aprendizagem: revisão integrativa. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v. 15, n. 2, 2016.

PEETERS, Ward. The peer interaction process on Facebook: A social network analysis of learners' online conversations. **Education and Information Technologies**, v. 24, n. 5, p. 3177-3204, 2019.

PEÑALBA, Ericson *et al.* Students' learning performance and acceptance of web 2.0 technologies based on media richness properties. **IJERI: International Journal of Educational Research and Innovation**, n. 14, p. 290-303, 2020.

PETERS, Micah DJ *et al.* Guidance for conducting systematic scoping reviews. **JBI Evidence Implementation**, v. 13, n. 3, p. 141-146, 2015.

PETTICREW, Mark; ROBERTS, Helen. **Systematic reviews in the social sciences: A practical guide**. John Wiley & Sons, 2008.

PI, S.; CHOU, C.; LIAO, H. A study of Facebook Groups members' knowledge sharing. **Computers in Human Behavior**, v. 29, n. 5, p. 1971-1979, 2013.

PÓR, G. **The Quest for Collective Intelligence**" in Gozdz, K (ed) Community Building: Renewing Spirit and Learning in Business Pleasanton CA, New Leaders Press. 1995.

PURIM, Kátia Sheylla Malta; TIZZOT, Edison Luiz Almeida. Protagonismo dos estudantes de medicina no uso do Facebook na graduação. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, p. 187-196, 2019.

QI, Cong. Social media usage of students, role of tie strength, and perceived task performance. **Journal of Educational Computing Research**, v. 57, n. 2, p. 385-416, 2019.

QUIROZ, Juan Silva; CASTILLO, Daniela Maturana. Una propuesta de modelo para introducir metodologías activas en educación superior. **Innovación educativa (México, DF)**, v. 17, n. 73, p. 117-131, 2017.

RAHMAN, Fathu *et al.* Facebook Group as Media of Learning Writing in ESP Context: A Case Study at Hasanuddin University. **Asian EFL Journal Research Articles**, v. 26, n. 6.1, p. 153-167, 2019.

RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e mídias sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, v. 28, n. 68, p. 117-127, 2014.

RECUERO, R. Mídias sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. **Metamorfoses jornalísticas**, v. 2, p. 1-269, 2009b. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2022.

RECUERO, R. **Mídias sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009a.
RYBERG, T.; DAVIDSEN, J. Establishing a Sense of Community, Interaction, and Knowledge Exchange Among Students. In: **The Digital Turn in Higher Education**. Springer VS, Wiesbaden, 2018. p. 143-160.

SADAF, Ayesha; NEWBY, Timothy J.; ERTMER, Peggy A. An investigation of the factors that influence preservice teachers' intentions and integration of Web 2.0 tools. **Educational Technology Research and Development**, v. 64, p. 37-64, 2016.

SAEED, Murad Abdu et al. Engaging EFL learners in online peer feedback on writing: What does it tell us?. **Journal of Information Technology Education: Research**, 2018.

SAINI, Charu; ABRAHAM, Jessy. Implementing Facebook-based instructional approach in pre-service teacher education: An empirical investigation. **Computers & Education**, v. 128, p. 243-255, 2019.

SALAS-RUEDA, Ricardo-Adán; SALAS-RUEDA, Rodrigo-David. Analysis On The Use Of The Social Network Facebook In The Teaching-Learning Process Through Data Science. **Revista de Comunicación de la SEECI**, n. 50, 2019.

SALIH, Karimeldin MA et al. Social Media Utilization And Its Impact On Male Medical Students'learning During Covid-19 Pandemic. **Turkish Online Journal of Distance Education**, v. 23, n. 2, p. 140-152, 2022.

SALVADOR, Alexandre Borba; IKEDA, Ana Akemi. O uso de metodologias ativas de aprendizagem em MBA de marketing. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 17, p. 129-143, 2019.

SÁNCHEZ, R. A.; CORTIJO, V.; JAVED, U. Students' perceptions of Facebook for academic purposes. **Computers & Education**, v. 70, p. 138-149, 2014.

SANTOS. R. M. R. **Formação continuada de professores indígenas e não indígenas**: implicações e possibilidades interculturais em contexto presencial e em mídias sociais. 2015. 234f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS, 2015.

SECUNDO, G. *et al.* Managing intellectual capital through a collective intelligence approach: an integrated framework for universities. **Journal of Intellectual Capital**, v. 17, n. 2, p. 298-319, 2016.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Editora Record, 2015.

SEXTON, N. D. Accounting students' perceptions: internal control theory moves outside the classroom and online. **South African Journal of Higher Education**, v. 33, n. 4, p. 271-290, 2019.

SHANG, S. S. C.; WU, Y.; LI, E. Y. Field effects of social media platforms on informationsharing continuance: do reach and richness matter? **Information Management**, [S.l.], n. 54, 2017, p. 241-255.

SHEERAN, N.; CUMMINGS, D. J. An examination of the relationship between Facebook groups attached to university courses and student engagement. **Higher Education**, v. 76, n. 06, p. 1-19, 2018.

SHIRKY, C. **Lá vem todo mundo**: o poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SLIM, Hadoussa; HAFEDH, Menif. Social media impact on language learning for specific purposes: A study in English for business administration. **Teaching english with technology**, v. 19, n. 1, p. 56-71, 2019.

STATHOPOULOU, Anastasia; SIAMAGKA, Nikoletta-Theofania; CHRISTODOULIDES, George. A multi-stakeholder view of social media as a

supporting tool in higher education: An educator–student perspective. **European Management Journal**, v. 37, n. 4, p. 421-431, 2019.

STROHER, Júlia Nilsson *et al.* Estratégias pedagógicas inovadoras compreendidas como metodologias ativas. **Revista Thema**, v. 15, n. 2, p. 734-747, 2018.

TASCHNER, Natalia Pasternak *et al.* Adopt a Bacterium: a professional development opportunity for teacher assistants. **FEMS Microbiology Letters**, v. 367, n. 16, p. fnaa131, 2020.

TEIXEIRA, R. R. *et al.* Apoio em rede: a Rede HumanizaSUS conectando possibilidades no ciberespaço. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 20, p. 337-348, 2016.

TESS, Paul A. The role of social media in higher education classes (real and virtual)—A literature review. **Computers in human behavior**, v. 29, n. 5, p. A60-A68, 2013.

THAI, Michael; SHEERAN, Nicola; CUMMINGS, Daniel J. We're all in this together: The impact of Facebook groups on social connectedness and other outcomes in higher education. **The Internet and Higher Education**, v. 40, p. 44-49, 2019.

TINMAZ, Hasan; LEE, Jin Hwa. A Case Study on Integrating a Facebook Group Into a Computer Programming Course. **Journal of Cases on Information Technology (JCIT)**, v. 23, n. 4, p. 1-16, 2021.

TOSUN, Nilgün. Implementation of web 2.0-supported flipped learning in the learning management systems course: An experience from Turkey. **MOJEM: Malaysian Online Journal of Educational Management**, v. 6, n. 1, p. 1-20, 2018.

TRICCO, Andrea C. *et al.* A scoping review on the conduct and reporting of scoping reviews. **BMC medical research methodology**, v. 16, n. 1, p. 1-10, 2016.

ULLA, Mark B.; ACHIVAR, Jesthony S. Teaching on Facebook in a University in Thailand During the COVID-19 Pandemic: A Collaborative Autoethnographic Study. **Asia-Pacific Social Science Review**, v. 21, n. 3, 2021.

ULLA, Mark B.; PERALES, William F. Facebook as an integrated online learning support application during the COVID19 pandemic: Thai university students' experiences and perspectives. **Heliyon**, v. 7, n. 11, p. e08317, 2021.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; GERALDINI, Alexandra Fogli Serpa. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Revista Diálogo Educacional**, v. 17, n. 52, p. 455-478, 2017.

VALOVA, Irena; MARINOV, Milko. Facebook as a tool aiding university education—whether it is possible and useful. **tem Journal**, v. 8, n. 2, p. 670, 2019.

WE ARE SOCIAL. **Global Digital Report – 2022**, 2022. Disponível em: <https://wearesocial.com/uk/blog/2022/01/digital-2022-another-year-of-bumper-growth-2/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

WU, Jiun-Yu. Learning analytics on structured and unstructured heterogeneous data sources: Perspectives from procrastination, help-seeking, and machine-learning defined cognitive engagement. **Computers & Education**, v. 163, p. 104066, 2021.

YANNOU, B. *et al.* **La conception industrielle de produits**, volume 1, management des hommes, des projets et des informations. 2008.

ZACHOS, Georgios; PARASKEVOPOULOU-KOLLIA, Efrosyni-Alkisti; ANAGNOSTOPOULOS, Ioannis. Social media use in higher education: A review. **Education Sciences**, v. 8, n. 4, p. 194, 2018.



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro
Janeiro Pró-reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação
Programa de Pós-Graduação lato sensu — Campas Niterói

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Ata nº

Aos dezesete dias do mês de junho de dois mil e vinte e três, às dez horas, compareceu à sala do Google Meet do Campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), o aluno Ítalo de Paula Casemiro do curso de Pós-graduação Lato Sensu em Educação e Novas Tecnologias, para a defesa de trabalho de conclusão de curso intitulado "Grupos do Facebook aplicados ao Processo de Ensino-Aprendizagem no Ensino Superior – Uma Revisão de Escopo". O trabalho, orientado pela professora Milla Benicio Ribeiro de Almeida Câmara, foi avaliado pela banca examinadora composta por Helvio Jeronimo Junior e Frederico Sidney Guimarães tendo a orientadora como presidente. A presidente da banca fez a abertura e passou a palavra para o aluno que fez uma exposição oral de 20 minutos. Após a exposição, a presidente agradeceu ao aluno e passou a palavra para os demais membros da banca que o arguíram por 60 minutos. Em seguida, a presidente agradeceu pelas contribuições e sugestões feitas, teceu alguns comentários e pediu ao aluno que se retirasse da sala para a deliberação da banca examinadora, que emitiu parecer final de APROVADO. Após a leitura das observações abaixo, a presidente deu por encerrada a sessão de defesa às doze horas. Para constar, foi lavrada a presente Ata que, lida e aprovada, foi assinada pelos membros da banca examinadora e pelo aluno.

Observações: a banca destacou a qualidade da revisão e a escrita do texto; sublinhou, no entanto, a necessidade de seguir estas orientações: especificar melhor os objetivos no resumo e na introdução; complexificar e problematizar, em trabalhos futuros, os aspectos teóricos acerca dos impactos das redes sociais, especialmente na educação; deixar claro se o escopo da análise, de fato, se referiu exclusivamente a grupos de ensino superior; justificar a escolha pelo ensino superior como recorte; colocar como objetivos mapear, identificar e/ ou caracterizar, que são mais adequados a uma revisão bibliográfica; deixar evidentes os resultados e contribuições do trabalho; evitar referências antigas para tratar de atualidade; observar as sugestões da banca quanto à redação do trabalho em determinados trechos, que se mostram incoerentes em relação ao texto; trazer conceitos claros e precisos, evitando a equivalência entre conceitos diversos, tais como “metodologias ativas” e “métodos ativos”; “redes sociais” e “mídias”; classificar o trabalho como um mapeamento sistemático de literatura, e não como revisão de escopo, devido às suas características metodológicas; na seção 3, no tópico questões secundárias, ajustar as perguntas propostas às respostas, com efeito, obtidas no estudo; na seção 4, articular os resultados às questões previamente propostas; assumir as limitações do trabalho, teóricas e metodológicas; separar resultado de discussão, ao fim da seção da 4, ressaltando que novas referências foram utilizadas para se analisar os resultados.

Assinaturas:

Documento assinado digitalmente
 MILLA BENICIO RIBEIRO DE ALMEIDA CAMARA
Data: 17/06/2023 14:35:59-0300
Verifique em <https://validar.itf.gov.br>

Orientadora: Milla Benicio Ribeiro de Almeida Câmara

Documento assinado digitalmente
 HELVIO JERONIMO JUNIOR
Data: 17/06/2023 15:44:24-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Avaliador: Helvio Jeronimo Junior (membro interno)

Documento assinado digitalmente
 FREDERICO SIDNEY GUIMARAES
Data: 17/06/2023 15:51:48-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Avaliador: Frederico Sidney Guimarães (membro externo)

Aluno: Ítalo de Paula Casemiro

Coordenação do Curso

Data: 17 de junho de 2023

Estrada Washington Luis n01596, Pendotiba, Niterói-RJ -CEP• .24315-375 Telefone 2707-7700/ Email: sa-
cnit@ifrj.edu-br